# REVELAÇÓES PÓSTUMAS DO IMPERADOR JULIANO

Tradução: Amadeu António

# IMPERADOR ROMANO JULIANO

(Chamado o Apóstata)

## REVELAÇÕES HISTÓRICAS
## DA RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE O CRISTIANISMO E O PAGANISMO
## DESDE A DESINTEGRAÇÃO DO IMPÉRIO ROMANO

COPYRIGHTED BY T.C. BUDDINGTON, 1886
Tradução: Amadeu António

T.C. BUDDINGTON*

(Médium de escrita)

*Nota Introdutória do Tradutor:*

*O autor, T.C. Buddington, professor de profissão, foi investigador do Espiritualismo -- em cujo campo desenvolveu a escrita automática, de que esta obra é, aliás, produto -- participou junto, por exemplo, de figuras como William W. Aber e Florence Cook, onde foi testemunha de espantosas materializações de espíritos.*

## DECLARAÇÃO

A questão da obtenção de informação precisa dos principais actores no campo histórico tem sido de grande interesse para mim. A história terrena sempre me pareceu deficiente na incapacidade que tem de registar apenas os actos externos; considerando que as forças subtis que produzem os actos externos pareciam ser negligenciadas pelo historiador terreno ou, se compreendidas, passam em silêncio. A causação no campo da história, à semelhança da causação na esfera das forças físicas, precisa ser estudada; e parece caber no objectivo deste trabalho informar o mundo de algumas das verdadeiras causas que tornaram a civilização moderna uma combinação de materiais heterogêneos.

A influência pessoal do espírito que dá a entender ser Juliano, é do carácter mais puro e elevado. Jamais se viu o menor traço (discernível, pelo menos) de motivo que não fosse o de expressar na nossa língua o verdadeiro status da sua própria carreira terrena, com a influência que, em anos posteriores, obscureceu a verdade e envolveu o mundo na escuridão mental durante mil anos. Parece ser essencial para todos os amantes da

verdade pura que as mentes como as que estão de acordo com Juliano, no lado espiritual da vida, devam ter livre acesso a esta vida antes que possam existir ideias demasiado valiosas a ser transmitidas pelos espíritos. Se essa classe de espíritos pode vir em socorro da nossa busca do conhecimento da verdade, provavelmente gozaremos desse tipo de pensamento que, se diverso das chamadas comunicações espirituais comuns, pode ser tão instrutivo e valioso no seu campo especial quanto os últimos. O tempo parece ser apropriado para que essa classe de influências seja convidada a contribuir com o seu conhecimento para os nossos registros incompletos; e, se a mediunidade tiver algum valor, deve ser exercida onde a luz é mais necessária.

## INTRODUÇÃO

Pode parecer uma impossibilidade para a mente mortal que alguém que tenha sido há tanto tempo residente no mundo do espírito seja capaz de transmitir com precisão às mentes da esfera da Terra ideias verídicas relativas à sua própria era, e da relação que tiveram com as ideias predominantes em eras sucessivas.

Porém, se considerarmos que a natureza mental jamais deixa de existir, e que a sua acção é tal que nenhuma experiência é alguma vez inteiramente esquecida, poder-se-á ver que tudo o que é necessário para a transmissão das ideias para o lado terrestre é um cérebro adequadamente construído, para agir como um acumulador de registo, por meio do qual qualquer ideia entretida por qualquer mente possa ser registada em linguagem inteligível para os mortais, por a linguagem ser o único veículo para a transmissão de ideias no plano terrestre.

Há um laço na cadeia de ideias que me liga à esfera da Terra, por o meu trabalho aí ter sido prematuramente abreviado pela minha súbita transição num período repleto de grande interesse pelo mundo. A política revolucionária de Constantino, combinada com a decadência do politeísmo, exigia o exercício da mais sábia discrição em lidar com as novas condições dos assuntos públicos, e sobre mim, acima de outros, recaia a responsabilidade de deter a tendência da vida nacional para a destruição.

Eu vi-me privado, pela minha própria morte, da oportunidade de transferir a atenção do público das influências do velho *regime* para a nova política. Os que me sucederam, tendo-se visto pontualmente privados do exercício do discernimento privado através da arte dos seus instrutores sacerdotais, deixaram o Império cair na destruição.

O zelo inescrupuloso com o qual minha memória foi atacada criou, da minha parte, um desejo de retornar e, através dos únicos meios à minha disposição, corrigir os erros predominantes entre os mortais com respeito à minha vida na Terra. Eu amei a verdade e deleitei-me nas mais altos encantos da exaltação enquanto estive na terra, tendo tido a companhia dos sábios e iluminados como conselheiros, e nunca me arrependi da mudança dos instrutores que a minha sede de conhecimento instituiu.

Bem melhor teria sido para o mundo que eu tivesse conseguido substituir o campo da filosofia e da razão pelo do dogmatismo religioso nessa época; e melhor será ainda se o mundo se emancipe de todas as superstições escravas do passado por meio do amor à verdade e à obediência aos seus mandatos.

JULIANO

## CAPÍTULO I
## O ESTADO POLÍTICO EM QUE O IMPÉRIO SE ENCONTRAVA

É sem sentimentos de acrimónia ou amargura que volto à esfera do pensamento mortal mas, ao invés, para iluminar o registo profundamente obscurecido das ideias de minha época. Fiquei conhecido como o Imperador Juliano - um nome que tem sido igualmente elogiado pela elevação filosófica do carácter e condenado pela apostasia, à religião de sua juventude.

Não é meu propósito refazer os sucessivos passos da calúnia e do zelo maligno, por meio dos quais a luz e a glória das antigas verdades filosóficas foram deliberadamente obscurecidas e, em seu lugar, os padrões de ignorância e credulidade intolerantes erigidas. Chegou a hora do mundo conhecer a verdade sobre esse período da sua história, em que o prestígio da filosofia Grega esteve no auge do seu desenvolvimento.

O Império, durante os dois primeiros séculos da chamada era Cristã, não foi vítima dos elementos sediciosos e destrutivos da sociedade humana, como afirma a história; mas, com poucas exceções, os seus imperadores foram homens de ideias liberais e avançadas com respeito ao progresso humano, e procuraram o bem-estar dos seus súbditos e do Império, embora, ao fazê-lo, tenham dependido demais dos recursos militares para o bem final do povo.

Não é verdade, porém, que um espírito de guerra em prol da conquista tenha sido o motivo dominante do carácter nacional, embora vocês, que leem a história desse período, possam justificadamente pensar assim. O propósito de Roma era levar uma base de segurança internacional aos indivíduos de todas as nações, em que ser um cidadão Romano possuía a prerrogativa da protecção maior contra a injustiça do que a que os seus funcionários titulares possuíam. Ao se estender a égide da proteção às nações conquistadas permitiu-se à civilização avançar a um ritmo impossível entre as tribos e os principados isolados que, antes da sua inclusão no Império, consideravam os estrangeiros como inimigos.

A missão da Roma imperial era tornar possível o inter-relacionamento civilizado, onde antes esse inter-relacionamento era considerado o precursor da invasão e da destruição. A independência nas relações tribais era a base da liberdade política; mas independência sem a união ou confederação coesa foi a principal causa do isolamento bárbaro. As nações estão distintamente relacionadas com o progresso humano. Elas surgem em obediência a demandas específicas das épocas em que eles existem e florescem. Eles não são desprovidas funções definidas e necessárias na esfera do avanço humano, e sempre que funcionam de acordo com as relações naturais que têm com a raça, elas florescem e tornam-se grandiosas e poderosas.

Roma, sob uma forma Republicana de governo, consolidou e civilizou as hordas bárbaras da Europa Ocidental, transformando-as de uma série de tribos em guerra em fundadoras das nações mais poderosas da Terra existentes na época actual. Ela fez isso através do reconhecimento do princípio de incorporação de todos os países que se lhe submetiam - como iguais perante o direito civil, e foi a primeira nação de importância maior, nessa época, que praticamente adoptou a sabedoria da filosofia Grega na construção de um governo nacional.

Sob esse princípio, o poder despótico ou arbitrário da parte de qualquer governante era acompanhado de perigo e desgraça, e não poderia ser compelido por muito tempo. A mudança da República para o Império não foi, como inicialmente parecerá, um passo de retrocesso, mas o resultado da esmagadora preponderância do poder militar, que buscava o alívio da anarquia por meio da centralização. Eu considero isso como um produto legítimo da extensão do Império para o Oriente, e a tentativa de aplicar os mesmos princípios a nações civilizadas sob governantes despóticos que se descobriu serem tão bem-sucedidos em lidar com as hordas bárbaras do Norte.

A introdução da civilização Persa criou uma disposição para a utilização da força militar nas conquistas para a glória pessoal, e a subtileza do carácter oriental exigiu uma exibição de força diferente daquela exercida e mantida pelos cônsules, que poderiam ser suspensos ou degradados pelo Senado Romano.

Foi essa inadaptabilidade da República em lidar com e incorporar no corpo político as nações da Ásia que influenciou Júlio César a virar as armas contra o antigo *regime*, e a centralizar o poder onde poderia cuidar de uma forma bem-sucedida com os problemas da civilização Asiática. Júlio nunca buscou o poder imperial, por ser um tirano de coração e alma. De facto, ele previu os males e os benefícios que poderiam, e que provavelmente resultariam, numa mudança; mas também viu que, para conservar os frutos da vitória, chegara a hora de a nação estender o braço sobre o Oriente, investida de um poder que as pessoas desse tipo de civilização respeitariam e entenderiam; e como não havia mais nada a ganhar na Europa, ele virou os braços contra os seus antigos colegas, e derrubou tudo o que iria ou poderia impedir o pleno exercício das leis Romanas na parte oriental do Império.

O efeito prático da mudança foi benéfico para o mundo oriental. Pela primeira vez desde que o Império Assírio existia, o poder despótico foi exercido em favor do bem-estar humano, pois César nunca mudou o código civil, excepto acrescentando-lhe o poder supremo do Imperador, e sob esse título obrigou os códigos civis das províncias a conformar-se ao de Roma.

## ROMA

Todas as nações têm o que se poderá chamar de períodos específicos de vitalidade, decorrentes da concentração do poder mental do povo em linhas de acção definidas. O jugo Romano -- embora estranho para o povo do Oriente -- foi enaltecido pelo pensamento filosófico dos iluminados, por ter a liberdade pessoal de consciência inviolável e, ao fazê-lo, permitiu que a mente pensadora se expandisse de uma forma destemida sob a protecção do direito civil.

O reconhecimento de todos os deuses como igualmente dignos de adoração foi o germe daquela fase de tolerância religiosa que, no presente, emancipa a mente do temor supersticioso de qualquer um, e nesse princípio único se encontra o maior factor na exaltação mental.

A minha própria história - conforme dada ao mundo pelos devotos supersticiosos de uma interpretação equivocada dos antigos mistérios - acha-se repleta de erros que as mentes ordinárias sempre atribuem àqueles cujo estado mental é mais avançado que o delas. Eu não era um devoto supersticioso dos deuses pagãos, nem me esforcei por restabelecer a sua adoração entre o povo, como coisa essencial a uma verdadeira concepção dos deveres religiosos; mas procurei elevar a população acima de uma consideração supersticiosa por toda divindade humana e, ao participar das observâncias cerimoniais, não fiz distinção nos ritos de todos e de cada um, esperando assim expressar ao povo a avaliação que fazia da loucura de dedicar muito importância aos poderes de qualquer um deles.

Os meus tradutores, no entanto, tomaram o cuidado de apagar essa visão da história, e com indevida indulgência registaram o que era realmente uma sátira filosófica sobre eles próprios como prova de um profundo propósito por restaurar, no seu antigo esplendor, a adoração de divindades que se tinham tornado obsoletas por meio de uma melhor compreensão da verdade entre os iluminados.

A minha política civil era para a restauração das ideias filosóficas que haviam tornado o Império tão poderoso sob os primeiros imperadores. Sob a administração miserável de alguns dos imperadores posteriores, a justiça e a igualdade haviam desaparecido da representatividade do código civil, o que tornava impossível uma unidade de propósito entre as diferentes províncias. As pessoas já não acudiam a apoiar o poder nacional, e a rebelião contra ele surgiu em todos os quadrantes, principalmente por já não exigir respeito, por causa da desconsideração da justiça expressa pelos seus oficiais subalternos.

Sob o domínio da força militar, existia de facto uma aparência de unidade nacional, mas era decorrente da força da compulsão e não da atracção. Eu procurava substituir isso pelos princípios da equidade e da justiça, e, se me tivesse sido poupada a visa, poderia ter feito algo em prol do retardamento do processo pelo qual o Império rapidamente se apressou para a sua destruição.

Eu previ, com base no conhecimento do derrube da antiga república Grega, que a nação, por mais poderosa que fosse na aparência externa, não poderia permanecer intacta com a dissensão interna a devorar-lhe os órgãos vitais, e também entendi bem a política de Constantino e dos seus filhos de evitar a dissolução iminente do Império. Eles adoptaram a política errada da força e da traição na lida com as justas reivindicações da

população, e procuraram estabelecer pela violência o poder imperial numa base de autoridade despótica, embora alienando assim a boa vontade da porção iluminada e influente dos seus súbditos.

Eu esforcei-me por restabelecer a antiga política de justiça e igualdade, e posso verdadeiramente dizer que, embora a minha vida tivesse estado muitas vezes em perigo pelo ciúme das relações que tinha, nunca um súbdito meu (uma vez me posse do entendimento dos motivos do meu reinado) pensou em elevar o estandarte da revolta contra mim. Fui compelido pelo afeto dos meus soldados a assumir o púrpura, quando nada além de uma esperança e desejo da capacidade de exercer o poder imperial em benefício do povo me teria tentado, por um só instante, a desviar-me do exercício das actividades do estudo e da filosofia. Foi uma tentativa inútil da minha parte. Mas foi a única política que poderia ter evitado o destino que depois se abateu sobre o Império.

O sacerdócio Cristão em Roma, e durante todo o Império, tramava, mesmo então, a destruição do poder civil, substituindo-o pela supremacia da jurisdição eclesiástica sobre a raça. Foi uma daquelas fases peculiares de obscurecimento mental que naturalmente decorrem da observância excessiva (excesso de zelo) de uma gama de ideias. E a subordinação de tudo no Império ao poder militar pavimentou o caminho para a sujeição do código civil às reivindicações eclesiásticas de um domínio universal.

Não creio que tivesse havido qualquer possibilidade de derrubar o poder imperial se os últimos imperadores do século III tivessem sido fiéis aos princípios das antigas leis. Mas abandonaram muitas das características mais essenciais da velha política nacional, e a influência engenhosa do sacerdócio cristão tornou comparativamente fácil mudar a corrente da prosperidade nacional para as vias sombrias da vergonha e da degradação.

Constantino procurou restaurar o esplendor tradicional da era Augusta, mas falhou no esforço para perpetuar essa consideração pela nação que é a única base da verdadeira prosperidade; pois que pelo acesso do sacerdócio cristão a uma influência controladora na formação da educação da juventude, ele submeteu a mente plástica da juventude, no seu período mais crítico da actividade mental, à influência da superstição e da intriga em lugar dos elevados pensamentos e ideais da filosofia Platónica.

A superstição Cristã procurou impor os seus princípios à mente através da acção repressiva das faculdades intelectuais, insistindo na

crença na autoridade como superior ao efeito da busca e da investigação; e embora o sacerdócio das antigas religiões tivesse afirmado a existência e supremacia dos deuses, nunca pretendeu transcender os ensinamentos da filosofia com os seus oráculos; pois, de facto, os oráculos eram apenas os métodos pelos quais a filosofia das eras passadas era consagrada e compreendida no seu significado mais profundo.

Houve, no entanto, esforços que foram feitos durante o período anterior a Constantino para consolidar a autoridade sacerdotal no poder civil; mas foi durante o seu reinado e o do seu sucessor imediato que o maior esforço foi empreendido para substituir os agentes sacerdotais como os melhores instrutores dos jovens: - uma política que vi e senti estar repleta de tendências destrutivas em relação à verdade e ao Império. Por isso, instituí uma política diferente; pois vi que as escolas filosóficas eram auxiliares mais seguras para o verdadeiro bem-estar nacional do que o sacerdócio Cristão, na medida em que tinham uma estimativa mais elevada acerca do crescimento do poder moral no indivíduo do que de um desejo de conquista e engrandecimento pessoal.

## CAPÍTULO II

## A HISTÓRIA DO VELHO IMPÉRIO ROMANO A TRANSIÇÃO DA REPÚBLICA PARA A FORMA AUTOCRÁTICA DO GOVERNO

Os registos do antigo Império Romano estão repletos de instruções ao estudante das forças políticas. Eles foram mutilados e falsificados a tal ponto que a presente era não consegue compreender de forma quase nenhuma, a real influência e poder que essa época da história teve na formação dos poderes governantes da civilização moderna. Os grandes resultados que surgiram da adopção do status político desse período são constatados no reconhecimento dos direitos individuais, independentemente de credo, raça ou religião.

Roma, sob o governo dos Césares, deu ao mundo a supremacia do código civil contra as maquinações da astúcia e da ambição -- seja na religião ou na autocracia. Externamente, não parece que o tenha feito. Mas enquanto o conhecimento da verdade for difundido, será percebido que a civilização Romana se baseou nos princípios de igualdade de todos perante a lei. E nenhuma imunidade quanto à penalidade justa por transgressão foi negada ao imperador ou camponês sem colocarem a lei em questão, a qual, se fosse exercida pelo poder dominante,

geralmente resultava em assassinato. Não quero dizer com isto que transgressões individuais da política civil por parte de certos imperadores não fossem às vezes perdoadas; mas nunca, durante os primeiros dois séculos algum imperador que deliberadamente tenha procurado anular o grande princípio da cidadania romana deixou de receber a justa punição -- um princípio que era supremo na constituição do governo.

Foi aí que surgiu a única grande questão de política, quando Júlio César transferiu o poder imperial do senado para o trono; o qual, conquanto o trono o respeitasse, por sua vez apoiava o executivo imperial. Jamais foi contemplado pelos defensores do imperialismo estabelecer o despotismo; e o próprio Júlio, embora tivesse a ambição de exercer o poder imperial, procurou apenas utilizá-lo em favor da velha política nacional.

O seu assassinato foi um daqueles erros que são piores que os crimes; porquanto, à excepção de Bruto, nenhum outro conspirador inscrito em tal empreendimento teria deixado de estabelecer autoridade autocrática se estivesse na posição de Júlio. Júlio procurou evitar a desintegração da República em facções que seriam mutuamente destrutivas e que, ao se destruírem mutuamente, aniquilaram o sentimento de responsabilidade humana pelo crime.

O seu acto visava impedir o desmembramento prematuro da nação e, ao mesmo tempo, dar às hordas analfabetas do Ocidente a influência refinadora do Oriente, sem destruir a disposição independente que desde então marcou a civilização da Europa. Na transição da condição bárbara para a da civilização, o carácter Europeu não se encontrou sujeito a nenhuma influência para o mal até depois da era de Constantino, mas alçou-se de forma constante do seu estado de selvageria tradicional para o semi-civilizacional.

O seu povo era severo e independente, o que proporcionava o melhor material para um exército vencedor e, ainda assim, mantinha o amor pela honra e a consideração pela honra como factores primordiais do carácter. Eles foram uma raça digna o suficiente para absorver os antigos princípios da República e entrelaçá-los no carácter sólido que marca o Alemão e o Britânico da atualidade.

## O STATUS RELIGIOSO

Nenhuma história do Império que esconde ou ignora o verdadeiro estado do pensamento religioso durante a minha era é digna de confiança ou consideração. Portanto, considero necessário escrever mais explicitamente sobre esse assunto do que sobre o status meramente militar ou civil.

As ideias religiosas do Império eram uma massa crua de absurdos mal digeridos. A mitologia ocidental tinha seus devotos nos soldados, provenientes das regiões da Espanha, da Gália e da Alemanha, que trouxeram para as províncias orientais as lendas grosseiras das suas próprias nações. A transferência das legiões de uma província para outra prestava-se a introduzir as ideias peculiares de cada secção, porquanto na esteira do exército, seguiam a acompanhar o sacerdote e o prosélito do poder dominante.

Esse processo de mistura de nações foi a política adoptada pelo Império para impedir a insurreição, e sem isso como preliminar, a fé Cristã não se poderia ter saído tão bem-sucedida quanto se saiu em se tornar conhecida de um número tão grande de pessoas em tão pouco tempo. Não creio que os imperadores Cristãos tenham percebido a verdadeira razão de tal aceitação generalizada da fé Cristã; mas parece-me ter-se originado na disposição das massas para conquistar o favor do poder dominante.

Enquanto os imperadores pagãos controlaram os destinos do Império, nenhum esforço especial foi feito para substituir a adoração de Júpiter pela de Tor, Ódin ou outros deuses; mas o efeito inevitável do sucesso militar foi o de preparar o caminho para os sacerdotes de todas as fés se compararem e se reunirem.

Quando o Império tornou possível o intercâmbio de ideias religiosas e protegeu os adoradores de todos os deuses por igual, o resultado imediato foi - não como se poderia supor - a inveja e a contenda, mas a combinação e, sempre que possível, a substituição das ideias mais no sentido daquelas que o poder civil detinha. A unificação das religiões do Império constituíra o objectivo constante do sacerdócio Cristão, e jamais tinham sido empreendidos esforços mais persistentes por parte de qualquer classe de mentes para combinar as mesmas ideias essenciais de todas as religiões numa do que os que foram feitos por eles.

Houve um impulso fanático da parte do próprio mundo espiritual que facilitou isso; pois algumas das mentes mais ambiciosas da vida espiritual achavam que um grande bem para a raça poderia resultar do estabelecimento de um padrão uniforme, e não da diversidade como a que havia prevalecido anteriormente, e através de impressões psicológicas levaram os seus trouxas até aos limites extremos do Império, e até mesmo além deles, no seu zelo para tentar conseguir o que a natureza tinha tornado uma impossibilidade. Portanto, embora os esforços tenham sido teoricamente bem-sucedidos em muitos casos, o resultado real o de foi retardar o crescimento mental entre aqueles povos que não estavam aptos de nascença e ambiente para aceitar tais ideias no seu verdadeiro significado.

Com o sucesso que obtiveram, desenvolveram um anelo pelo poder, que aumentou a ponto de controlar o poder civil; e, em virtude da invisibilidade de que gozava, exerceu uma tremenda influência na vida mortal através da ignorância que grassava com respeito a isso. Foi a transposição do velho poder oracular, que anteriormente fora considerado como apenas consultivo no de uma autocracia arbitrária e invisível, e com resultados mais terríveis para os mortais do que alguma vez tinha sido possível sob o antigo regime pagão.

## CAPÍTULO III

## A INFLUÊNCIA DA FÉ CRISTÃ NO DESTINO DO IMPÉRIO COMO DEVIA SER CONSIDERADA POR TODAS AS MENTES PONDERADAS

Como a história do Império do Ocidente é principalmente um registo dos triunfos eclesiásticos, é necessário um capítulo, ou uma série de capítulos, acerca dos esforços que o poder civil fez por recuperar a posição legítima que tem nas relações dos direitos humanos na pretensão sacerdotal.

A importância do trabalho das mentes das eras passadas em moldar o pensamento do presente não pode ser estimada por aqueles que se encontram na vida mortal. Tal como a árvore é conhecida pelos seus frutos, também o preconceito mental das doutrinas iniciais produziu essa condição (peculiaridade mental) que torna a criminalidade inerente à acção aparentemente justa e conveniente.

Constantino, o Grande, foi submetido desde as primeiras recordações a cenas de sangue e violência. A sua mãe era uma mulher de uma ambição

inescrupulosa, isenta de restrições morais, pelo que ela instilou na sua mente de jovem os motivos básicos que a influenciaram, e a juntar á sua grande influência esteve a política astuciosa de Eusébio, cujo carácter era isento de honestidade, ou de consideração pela verdade.

Eu conheci bem o ódio e a dissimulação que foram os motivos que governavam aquela família, e quão pouco eu tinha a esperar deles, se eu desejasse participar das relações políticas que envolveram o resto da minha família, e assim escolhi dedicar-me às actividades da ciência e da filosofia. Eusébio foi dominado pelo motivo de alcançar fama na literatura, e, para isso, satisfez os preconceitos de Constantino, prometendo-lhe assim registar os seus actos de monarca, a ponto de delegar à posteridade um grande respeito pelos eventos da sua era. Constantino estava tão desejoso de ficar para a posteridade como um Augusto que transferiu a sede do governo para Bizâncio e procurou imitar a história de Júlio como o fundador de um novo regime que deveria combinar o esplendor do Oriente com o poder do Ocidente.

A transferência da capital para Bizâncio deixou o Ocidente à mercê do poder eclesiástico, que foi inescrupulosamente exercido a fim de preparar o caminho para uma transferência generalizada da autoridade da ordem civil para a ordem religiosa, e assim derrubar a política que havia permitido a Roma, sob os primeiros imperadores, conservar e ampliar de forma bem-sucedida o poder da República.

Penso que a história eclesiástica de Eusébio foi planeada por ele para ajudar a produzir esse resultado, embora ele próprio não tenha percebido nem imaginado que fosse ou pudesse ser realizado em tão curto espaço de tempo. Mas aqui deve ser considerado o poder do reino espiritual, que sempre exerceu a sua influência sobre os assuntos da nação.

Desde os primeiros séculos, o poder mental, na vida espiritual, como o que surgiu numa apreciação da importância da verdade e da filosofia na vida dos mortais, foi dirigido para o aperfeiçoamento das condições pelas quais a mente plástica poderia desenvolver-se sob as ideias da verdade e da justiça. Eles centraram o seu poder sobre Roma, a partir da sua posição de comando que tinham sobre o Mediterrâneo, e desenvolveram primeiro o elemento militar que lhes trazia o êxito na guerra. Escolheram Roma para incorporar o grande princípio da igualdade perante a lei como um princípio genérico de segurança nacional.

Nenhuma nação poderia competir de forma bem-sucedida com ela; pois os deuses lutaram literalmente por ela e inspiraram os seus

exércitos com um valor imortal. Ela conquistou e incorporou-as a todas como partes do corpo político nacional, obedientes àquela força espiritual que buscava derrubar a autoridade autocrática ou a anarquia tribal. Nunca sofreu nenhuma derrota essencial nas suas armas enquanto essa força espiritual que a imbuía fosse reconhecida e obedecida; mas a partir do momento em que Constantino e o sacerdócio, sob a égide de Eusébio, procuraram estabelecer o poder autocrático através da religião, e usar a força da lei civil para regular e derrubar as ideias da velha filosofia, então o poder espiritual que buscava preservar a supremacia civil foi retirado, ou melhor, já não pode exercer mais a sua influência, excepto para se opor à tendência da época, e a dissensão interna tomou o lugar do antigo espírito de cooperação e extensão do Império.

Em verdade houve uma força espiritual que foi exercida em favor de Constantino pelos espíritos egoístas e ambiciosos que se haviam deleitado em cenas semelhantes de sangue e desordem. Mas faltavam-lhes as aspirações nobres dos antigos pais da nação, assim como a a sabedoria pela qual eles poderiam dirigir com segurança os assuntos do Estado por entre os perigos que o assediam por causa da própria desconsideração de que os princípios verdadeiros foram alvo.

As velhas forças espirituais tinham-se, de facto, retirado; mas não sem luta por alcançar uma ou outra das mentes daqueles em quem o poder nominal havia recaído, que ocasionalmente elas alcançavam; mas nunca conseguiram manter a sua influência suficientemente para conter a loucura que lançou o Império na sua ruína, por meio da determinação do elemento religioso de reter o poder que exercia sobre o povo através do cultivo da sua natureza supersticiosa.

Se os depoimentos da história sobre a vida do período de que escrevo fossem verdadeiros, não me importaria de tentar refutá-los; mas como consigo ver claramente os motivos e resultados dessas ficções, sinto vontade de fazer o que puder para impedir a sua influência sobre os interesses da era actual.

A grande força política de Roma nem sempre foi vista, nem exemplificada, por aqueles que usavam o púrpura, nem a pompa meramente externa do trono mostrou o verdadeiro propósito dos seus apoiantes invisíveis. A população foi, de facto, aplacada durante algum tempo com as exibições e os espetáculos da arena; mas os jogos e os combates na realidade não passavam de factores de menor monta em relação aos princípios governantes do Império, embora os historiadores lhes tenham dado tanta importância. Eles reflectiam as ideias de conquista

militar que se tornaram uma segunda natureza para tantos no Império e acostumaram a juventude a cenas de sangue e carnificina, mas eles não eram defendidos pelos amantes da filosofia e do estudo, nem cessaram, ou, melhor, os princípios que os tinham tornado possíveis quando o Império mudou de pagão para a fé Cristã, feneceram.

A avidez do sangue que, sob o antigo reino, fora satisfeita com o massacre de animais e de criminosos, sob o novo era saciada pelas mais cruéis torturas infligidas a seres humanos pela heresia; e se os mais vis criminosos fossem poupados das dores da laceração às mãos uns dos outros, os espécimes mais inocentes e muitas vezes mais louváveis da cultura humana eram levados prematuramente da vida terrena por causa de fidelidade que nutriam pela verdade.

O espírito de perseguição e tortura jamais foi valorizado nem exercido pelo mais perfeito pensamento filosófico da minha época, assim como na vossa, e o desejo de conquista, ou o exercício de poder sobre os outros, é um indício seguro daquele tipo de desenvolvimento que tornou as cenas selvagens da arena uma possibilidade na era do Império, ou que acendeu os fogos da Inquisição no período posterior do fanatismo.

Gostaria de poder imprimir correctamente no pensamento da era actual a verdadeira ideia de crescimento intelectual e moral. Não é pelo exercício da força arbitrária sobre a vontade dos ignorantes e transgressores, nem pelo cultivo da natureza supersticiosa das mentes ignorantes, mas pela afirmação e demonstração da verdade enquanto natureza, e o estudo da natureza revela a verdade, que a raça é elevado a um plano superior de vida.

Os deuses da Grécia e de Roma foram ideais incompreendidos. O Deus da adoração Cristã é um ideal igualmente mal compreendido, tirado da melhor ideia da filosofia especulativa. Não tivesse a filosofia de Platão e Pitágoras permeado o pensamento do Império, e a revelação Cristã não teria, nem poderia ter conseguido meter pé, nem mesmo com todo o poder militar e civil sob o seu comando. Foi um compromisso entre a superstição do passado e a evolução do futuro, e manteve a sua posição pela força, até que as hordas bárbaras do Norte se tornaram suficientemente esclarecidas para a substituir pela independência individual do pensamento, sob a palavra de ordem "liberdade de consciência" quando a sua verdadeira natureza se sujeitou pela primeira vez ao escrutínio e à crítica intelectual.

Na tentativa que o sacerdócio, sob Constantino, empreendeu por mudar o tipo de pensamento religioso, não havia disposição aparente para fazer mais do que incorporar os ideais filosóficos do Platonismo na religião do Estado. Secretamente, havia uma profunda determinação da parte de seu sacerdócio por utilizar esses ideais como um poder permanente para modificar e, tanto quanto possível, derrubar o espírito militar que se tornara arbitrário demais na sua política em relação aos direitos individuais; e se a religião Cristã tivesse parado por aí, poderia ter sido um factor poderoso na mudança da tendência destrutiva da política militar.

Mas alterou tudo o que o tornava cooperativo com a filosofia pelas pretensões que tinha de poder arbitrário sobre a alma, e com esse princípio alienou os amantes da verdade, aliou ao despotismo militar a forma mais gravosa de tirania mental, e quando ambos se alojaram firmemente no trono, a política amena e benéfica de Platão foi varrida para o esquecimento, e em seu lugar a escuridão e a desolação moveram-se furtivamente sobre as nações que compunham o antigo Império, cobrindo luz e a aprendizagem com uma mortalha de erros através dos quais apenas raios frágeis puderam ser percebidos por mais de mil anos.

Não desejo que pensem que, nos esforços que evidencio por lhes dar a verdade sobre o estado mental do início do Império, eu faça estas acusações contra os devotos equivocados do Cristianismo, por eles terem registado tais histórias falsas sobre o status moral e religioso do velho Império, ou por a Divindade se ter sentido tão ofendida que tenha depositado o poder de governar nas suas mãos, através do que o poder temporal de Roma tenha triunfado pela supremacia espiritual que manteve desde essa era.

Foi um resultado natural de uma lei natural que nenhum governante ou política poderia ter impedido, a menos que ele tivesse mudado a política do Império na época de Trajano a favor de uma república universal, e trazido a filosofia de Apolónio de Tiana, com os resultados de certas descobertas no campo da ciência feitas em Alexandria, em auxílio da nação. Acho que a época estava preparada para que a cooperação das mais sábias e melhores mentes do Império para mudar tanto a política nacional a ponto do que vocês chamam de "privilégio do voto" das massas pudesse ter sido adoptado com segurança, e a nação não fosse deixada sujeita à vontade de um exército vitorioso e muitas vezes mercenário.

Eu digo que acho que sim; porque àquela altura a grande consolidação de interesses, que tinha sido a política que Júlio quisera efectivar, tinha sido cumprida com sucesso; e tenho certeza de que então,

se alguma vez, teria sido o momento do povo ter tido uma voz directa na determinação da escolha do executivo.

Se a civilização Romana sob o Império era deficiente em alguns dos seus detalhes, certamente estava longe de ser o que a história - conforme transmitida pelos seus difamadores - parece indicar. Que tal nação pudesse surgir, e manter a posição de árbitro de tantos povos diversificados sem um grande poder inerente qualquer, é tão anómalo que nem precisa ser comentado. O grande poder do Império residia no respeito pelos princípios gerais subjacentes ao progresso humano; e pode-se em verdade dizer que, sob os seus imperadores pagãos, nenhuma nação que se tenha submetido ao seu jugo ficou pior. Tiranos mesquinhos foram obrigados a submeter-se ao poder maior, e o poder maior foi demasiado absorvido no prover as contingências do bem-estar geral para prestar atenção às exigências triviais da ambição pessoal.

É a área característica do poder imperial ser instrumental em dar às massas uma liberdade maior do que a possível sob governos de carácter menor, e enquanto o poder imperial permaneceu em Roma, indivisível no seu exercício, o Império floresceu como nunca tinha conseguido após a sua retirada para Bizâncio. Foi um erro o facto de Constantino remover a sede do poder, pois, ao fazê-lo, perdeu a consideração e o apoio da parte ocidental do Império.

Quando as hordas bárbaras do Norte se lançaram sobre a cidade condenada, não houve incentivo da parte do povo, a quem tinham incutido uma dependência servil do seu sacerdócio, para inverter a maré da invasão; e aquele princípio que, nos dias da antiga Roma, havia despertado o ardor militar de todos os Romanos para uma resistência bem-sucedida, achava-se totalmente destituído.

Não pode haver nacionalidade bem-sucedida que não encontre expressão em primeiro lugar na obediência ao desejo universal de auto-preservação, e é digno da atenção dos estudiosos da história antiga o facto de como a nação de Roma se tornou indolente e afeminada sob o domínio do sacerdócio Cristão. Assolada e derrubada por bárbaros e cristãos, presa de toda a forma de inimigos, a sua história nos últimos mil anos tem sido um contraste marcante com a que ela teve sob o domínio pagão.

Não poderão os seus apologistas Cristãos ver e entender que a sua queda não se deveu à devoção aos deuses pagãos, mas à sua subserviência à superstição Cristã? Ao invadir, Breno encontrou aço, mas e Átila encontrou ouro apenas a conquistar-lhe o poder. Essa foi a diferença entre

o tipo de virilidade criada pelas leis da velha fé e o que foi incentivado pela nova. A virilidade Romana afundou diante do peso de uma falsa consideração pelas alegações de uma religião falsa; mas a humanidade não sofreu menos com o poder e as dores da guerra.

A terra ficou manchada de sangue derramado numa luta inglória pela supremacia, desprovida de justiça; e é impressionante o comentário das alegações da fé Cristã de que não foi capaz de subverter o espírito militar entre os seus crentes; por a história do antigo império romano, desde a sua divisão e derrocada, ser uma série de guerras sangrentas, nas quais a liberdade pessoal e os direitos civis não foram considerados por nenhuma das facções, embora as nações envolvidas nessas guerras professassem fidelidade à mesma religião, cujas reivindicações por origem divina repousam sobre a sua devoção aos princípios da fraternidade universal.

O Cristianismo nunca foi capaz de restringir as paixões dos homens pela matança mútua, e carecia de poder fundamental de impor os seus éditos ao ignorar o cultivo do espírito militar para a preservação da vida nacional. Assim, poderia instigar o mal, mas raramente poderia promover o bem-estar de seus súbditos nos detalhes práticos da vida - ao contrário do antigo espírito de conquista que permeou o Império e uniu as nações conquistadas numa unidade de propósito.

## A ROMA CRISTÃ DESINTEGRADA, O IMPÉRIO E O MUNDO SÃO DEIXADOS EM PIOR ESTADO DO QUE AS TREVAS QUE ACOMETERAM O EGÍPTO POR MAIS DE MIL ANOS

Recordo este período da história do mundo com um misto de espanto e de indignação, por a tal resultado se poder ter seguido a brilhante promessa do Império durante os primeiros três séculos da era Cristã. Apesar da corrupção do povo, devida à influência da civilização Persa e Egípcia, creio que, se Constantino e os seus sucessores tivessem mantido a capital do Império nas suas mãos em Roma, ou, ao não valorizar a importância disso, se recusasse a permitir que o poder eclesiástico usurpasse as suas funções, as nações ocidentais podiam ter sido mantidas firmes à sua lealdade, e o mundo podia ter tido uma história diferente.

O Império do Ocidente tinha todos os elementos de uma nacionalidade potente que, sob a autoridade central, baseada no velho código civil, teria dado a uma civilização não manchada de sangue inocente e capaz do mais alto grau de progresso humano. Chegou quase a essa

condição depois de séculos de trevas, mas não até que as características destrutivas do poder eclesiástico em Roma fossem descartadas.

O fracasso em alcançar o alto padrão de unidade nacional, que teria impedido a guerra e forçado um verdadeiro método de ajustar os distúrbios entre as províncias, veio da perda do prestígio militar que o Império sem par tinha com cada sector, e ao perder isso, as nações da Europa desenvolveram-se lentamente, devido à absorção de tanta força em ciúmes e no antagonismo mútuo.

Para o povo, nascido e criado em tais condições, não restava nada além de servilismo e longa resistência a males que geram desordem e revolução na pátria, ou um apelo às armas contra os erros imaginários dos reinos vizinhos. O antigo remédio que era popular em Roma para esse estado de sentimento entre as províncias bárbaras, assentava no alistamento e na ocupação dos exércitos nas conquistas no estrangeiro, de modo que o equilíbrio de poder fosse mantido entre o povo e o governo.

É NECESSÁRIO REVERTER AO PENSAMENTO DAS ERAS PASSADAS SE QUISEREM CONHECERIA O SIGNIFICADO TOTAL DAS IDEIAS DO PRESENTE

Eu posso ver claramente a política equivocada da Igreja Romana na ocultação das relações que ela mantém com a história humana, e por que é tão vigorosa no combate que trava pela sobrevivência dos seus dogmas. Com isto quero dizer *que o paganismo reconstruído do seu credo* é o grande obstáculo a uma verdadeira apreciação da sua missão no mundo. Maria, como mãe de Cristo e a esposa de Jeová, é apenas outra versão das ideias Egípcias e Helénicas do relacionamento divino existente entre o poder criativo e os resultados terrestres. *Enquanto tradição mítica que é, é inofensiva; mas, pregada como uma verdade sagrada, é a base de erro quase infinito.* O mundo dos mortais encontra-se de tal modo sujeito à sua influência perniciosa que se acredita que a descrição nua e crua da sua origem constitua uma blasfémia chocante, e os poderes mentais de mentes que de outro modo seriam bem-educadas são mantidos em suspenso por medo dela.

Seria possível delinear todo o processo pelo qual a transição dos ritos pagãos, e a interpretação dos símbolos foi realizada; mas essa é uma tarefa difícil, devido aos métodos lentos e secretos utilizados pelos actores. Entretanto, foi quase no mesmo plano de acção por que as ideias da igreja Cristã da época actual são travestidas no credo e actos da turba conhecida como o "Exército de Salvação"; e se vocês conseguirem imaginar uma grande nação sob a influência mental de tal grupo de

adoradores, vocês poderão ter uma ideia do poder que governava as massas da igreja no tempo de Constantino.

Era, de fato, uma igreja militante, com os cargos mais responsáveis de educadores e outros fundos igualmente importantes nas mãos do sacerdote fanático e ignorante, que, tendo sido elevado das favelas e sarjetas do Império regido por Constantino, buscou pela violência e intriga manter a supremacia sobre as escolas de Platão e Pitágoras. Eu tentei mudar isso excluindo a possibilidade de tal ignorância controlar os destinos de um poderoso império, mas em vão.

Vocês admiram-se que alguns de nós se tenham insurgido com raiva e quase vingança, ao contemplarmos a ruína e a desolação forjadas entre as terras mais belas da Terra pela introdução e propagação bem-sucedidas desses velhos erros, e por termos, por meio de todos os canais disponíveis, tentado derrubar para sempre o poder que ainda permanece nos éditos fulminantes da Roma imperial contra o livre exercício da mente e da consciência?

Quando vocês perceberem que tudo o que é realmente valioso na vida mortal ou espiritual é o desenvolvimento desimpedido da mente - que o crescimento espiritual é o resultado de um conhecimento da verdade, adquirido pela experiência ou educação - então vocês entenderão porque estamos tão empenhados me relação à propagação das ideias verdadeiras sobre a terra e o abandono de todo erro por parte de todas as mentes. Não é contra os credos individuais que travamos essa guerra, mas contra a falsa base do próprio credo.

Sabemos como é difícil mudar o tipo de mentalidade quando a ignorância da verdade é seu principal factor e, portanto, desejamos

QUE IDEIAS INTELIGENTES SOBRE TODOS OS ASSUNTOS
DEVAM SER ENSINADAS E ENTENDIDAS PELOS MORTAIS

*As ideias primordiais da fé Cristã são contos fictícios retirados dos antigos mitos.* Elas não foram compreendidos pelos Cristãos leigos nos meus dias, mas não eram desconhecidos da maioria do sacerdócio, e foi somente pela persistente reiteração delas como verdade através dos séculos seguintes que elas se tornaram luminares permanentes (na vida mortal) entre muitas nações. A tenacidade com que a mente se apega às ideias, ensinadas como verdade no início da vida, é o grande poder pelo qual esses mitos se tornaram tão fortemente entrincheirados, e é somente pelos esforços contínuos dos iluminados em ambos os mundos por

impressionar (gravar, influenciar) a verdade sobre eles no ignorante que existe alguma esperança de sempre anular a influência das miríades de hostes que ainda acreditam nelas como verdades divinas.

Os mitos (como os de Maria e de Jesus) são tão infundados quanto os de Ísis e Hórus; mas assim que deixaram que a ideia de qualquer um prevalecesse como uma revelação divina, toda uma sucessão das más influências que secretamente seguem na esteira de cada um deles acabou por inundar de novo as nações com os resultados do vício e do crime.

*A verdade não tem necessidade de ritos e de cerimónias*, nem deve ser velada em mistérios secretos. Os próprios mistérios nada mais são do que sessões privadas, com suas condições necessárias a resultados bem-sucedidos.

A afirmação simples - de que todos os oráculos dos deuses e métodos de adivinhação eram apenas os esforços dos espíritos para alcançar os mortais com certas ideias - é a verdade; tudo mais sobre os romances históricos dos deuses são ficções de um sacerdócio corrupto para cobrir crimes flagrantes.

## CONTRASTES ENTRE A PERSEGUIÇÃO PAGÃ E A CRISTÃ

Tem sido moda a prática da hierarquia Católica de acusar o Império de permitir que as piores formas de licenciosidade e vício florescessem sob os seus governantes pagãos; mas pouco foi dito por ela sobre o estado da moral durante a época dos seus imperadores Cristãos.

Se o véu da hipocrisia que cobre esse período alguma vez fosse levantado por aqueles no mundo espiritual que o conhecem, o mundo ergueria um clamor de horror pelo terrível sacrilégio cometido sob a aparente aprovação dos representantes de Cristo.

Basta dizer que, longe da virtude ser protegida e do crime ser punido, a principal recomendação da própria religião era a prometida imunidade aos culpados de toda punição em qualquer dos dois mundos pelas mais hediondas ofensas, se cometidas em nome da fé.

A Roma pagã nunca idealizou as torturas para os piores criminosos, como fez a Roma Cristã aos hereges inocentes; e jamais o sangue correu com maior liberdade em combates de gladiadores, para a população

banquetear os seus olhos, do que o que fluiu das veias daqueles a quem nem sequer foi dados uma oportunidade de protecção pela reversão do julgamento popular.

Eu testemunhei cenas de crueldade em várias partes do que era o Império, desde a minha transição, que teriam horrorizado o guerreiro mais intrépido sob os reinados de Galério e Domiciano, e teria virado a ponta da espada do primeiro em favor das vítimas Cristãs que, sem culpa de qualquer crime, sofreram as penas mais terríveis que a malícia e a raiva desconcertada puderam infligir.

Esses mártires da convicção da consciência não são registados nas páginas da história mundana; mas eles não foram esquecidos, e o seu poder ainda será sentido no enfraquecimento e no derrube de um sistema religioso que tornou tais acções possíveis na terra.

Voltem a maré de mil anos e contemplem os instrumentos de tortura que ainda permanecem como testemunhas mudas do tipo de carácter desenvolvido sob o domínio da política de Agostinho e Jerónimo. Vocês acham que o apóstata Juliano teria permitido tal mancha no seu nome e carácter? Terão Marco Aurélio ou até mesmo Domiciano sido culpados de entregar seres humanos ao acolhimento da Virgem? Responde, ó Pontífice Romano, que te sentas no trono arruinado, e vê se alguma vez o Quirinal* responderá às ordens do Vaticano!

Tiveste todo o teu tempo para transcender a história dos Césares; mas a tua página na história está tão contaminada com o sangue do inocente que, em misericórdia para com as tuas vítimas, o teu poder de matar é-te tirado e colocado nas mãos daqueles que nunca mais permitirão que seja exercido na terra. Não cabe no teu poder ficar com a espada da justiça que finalmente te dominou. E se a Roma pagã caiu, como tu afirmas, por causa da sua desconsideração da prosperidade humana, também tu não escaparás.

Fica sabendo do seguinte: que aqueles que uma vez detiveram o poder sobre as nações, que te permitiram levar os teus mandatos a todos os povos, não têm menos poder em mudar o curso dos impérios pelos quais a humanidade escapará da sua malevolência actual e realizará todos os teus esforços para anular a possibilidade da recuperação da supremacia.

**(Monte Quirinal, que fora ocupado por Numa Pompílio)*

## A FILOSOFIA DA VIDA NACIONAL

A filosofia da civilização consiste em manter o equilíbrio de poder entre os elementos conservadores e progressistas da sociedade. Essa política foi o verdadeiro caminho que Roma seguiu entre as hordas bárbaras do Ocidente e a civilização efeminada do Oriente. Ela preservou a autonomia do seu próprio Estado, carregando os princípios da presença de espírito entre as nações que conquistou e elevando-as tanto quanto possível acima do plano do poder despótico. A sua grande missão foi a introdução entre as nações dos princípios de cooperação das forças no engrandecimento nacional. Com o tempo, ela mudou essa política por uma outra de tipo diferente, introduzindo os métodos arbitrários do Oriente, o que ocasionou a insatisfação entre as províncias e levou a repetidas rebeliões.

Eu não vejo como Roma poderia ter sido derrubada por qualquer força externa, se ela preservasse a supremacia do antigo código civil; mas quando isso se rendeu ao poder do ditame eclesiástico, o espírito nacional desapareceu do coração da população, ao que se seguiu rapidamente a desintegração.

Eu bem sei que tem sido dito que as nações devem ter os seus períodos de crescimento e decadência, como as outras produções da terra; mas agora percebo que *o princípio de vida do crescimento nas nações é tão imortal* quanto no homem, e nenhuma nacionalidade precisa perecer se o mantiver intacto. Quando deixam de estar imbuídos desse princípio os governos são derrubados; e, quando esmagada externamente por potências estrangeiras, a verdadeira nação existe enquanto o povo quiser que ela exista. Por isso, eu digo que Roma poderia ter permanecido até a presente era sob o poder de leis justas, e dado à civilização moderna os frutos maduros de gerações de sabedoria, ao passo que o terrível período da idade das trevas nunca teria deixado a sua praga nas páginas do que deveria ter sido o capítulo mais brilhante do registo das eras.

Das alturas da sabedoria eterna, vemos agora claramente os resultados de esforços mal direcionados, e o alcance de nossa visão assimila a vista da história passada do mundo, como a vossa faria se fosse adornada por um panorama gigantesco.

Ó Roma, senhora do mundo! Como te encontras caída do alto destino anunciado a Numa Pompílio! O teu gabado domínio sobre todas as nações, que muitos afirmam ser o teu verdadeiro cumprimento, é a tua mais profunda degradação; porquanto não era no engano nem na ignorância

que a tua maior força era para ser exercida. O teu triunfo sobre a mente, ao contrário do triunfo que tiveste sobre os teus antigos inimigos, traz desgraça e desolação, sem a influência de aperfeiçoamento do direito e da justiça.

A tua regra é aquela que paralisa e arruína a energia humana, e tua paz é a paz da morte. Sob o teu domínio, as nações perecem, e as nuvens de escuridão e desespero jazem, como um manto, sobre a mente e a consciência da raça. Se o teu poder arruinado de novo envolvesse a humanidade, sem a luz da filosofia para evitar os seus efeitos, a raça humana bem poderia imaginar que a tua antiga luz da verdade e da razão tivesse entrado na escuridão para sempre.

## CAPÍTULO IV

## A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NAS NAÇÕES DA EUROPA OCIDENTAL APÓS A DESINTEGRAÇÃO DO IMPÉRIO

Muitas vezes foi indagado pelos defensores do Catolicismo: Qual teria sido o resultado de Julian ter instaurado de forma bem-sucedida a sua política com base no princípio governante do Império, se tivesse vivido tempo suficiente? Responderei a essa pergunta dizendo que posição em que me encontrava naquele período foi crítica, a qual por vezes marca uma época na história do mundo. Não sou suficientemente vaidoso para atribuir à capacidade pessoal os resultados que poderiam ter-se seguido; mas creio que, se tivesse conseguido transferir o controlo da juventude daquele período para as mentes filosóficas e a tivesse aí mantido por uma geração, a história das eras subsequentes teria sido para melhor.

*Eu pretendia transferir o pensamento da minha era para outros canais que não os da conquista militar ou da obediência servil ao poder imperial.* Era uma época em que os elementos de uma nova nacionalidade estavam a germinar e, com uma administração discreta, poderia ter-se criado e desenvolvido uma nacionalidade que fosse livre da corrupção e da tirania de Constantino e dos seus sucessores, e igualmente *livre dos germes de um clericalismo supersticioso*. Eu havia pensado em elevar os antigos princípios da tolerância religiosa e dar proteção a todas as crenças com tal proeminência que nunca mais permitisse a perseguição da religião ou isso fosse desejado por qualquer governante subsequente; e eu tentei fazer isso colocando todas as religiões em pé de igualdade perante a lei civil.

A determinação do sacerdócio Cristão de monopolizar as vias da aprendizagem, e persistência que revelou na busca do controlo da força mental do Império através de sua política de confundir *o pensamento filosófico da época de dogmas religiosos, deixaram as mentes sérias e ponderadas da minha era alarmadas*, e preocupadas quanto à possibilidade dos princípios fundamentais da verdade e da justiça serem prejudicados, e a nação perecer; e a política insensata de perseguição tentou inicialmente esmagar o perigo incipiente para o Estado; mas, à semelhança de todas as medidas equivocadas de violência, provou ser um fracasso.

Foi dito que, se eu tivesse retornado com sucesso das campanhas contra os Persas, eu deveria ter reinaugurado uma era de perseguição diante da qual a de Diocleciano teria sido indigna de menção; mas essa ideia surgiu das mentes daqueles que se achavam inflamados por aquele fanatismo respeitante às ideias religiosas que conduzem os homens além dos limites da razão, ou da consideração pela verdade. *Nunca acreditei na política* que os antigos imperadores adoptaram para eliminar o perigo incipiente ao código civil; mas eu acreditava que uma política de esclarecimento dos ignorantes com respeito à fundação de todas as religiões elevaria o Estado acima de todo perigo decorrente de qualquer fé.

Entendi muito melhor a verdadeira fonte das ideias Cristãs do que a maioria dos seus defensores; e se a política que eu buscava restabelecer fosse adoptada pelos meus sucessores, não teria havido retrocesso no progresso mental nas províncias que compunham as porções norte e oeste do Império. Essas províncias estavam a emergir do plano bárbaro para aquela posição no Império, onde a força restritiva deveria ter sido a das forças armadas, e não da ordem eclesiástica; e os princípios da obediência à lei civil, aplicados por igual a todos, teriam efectivamente reprimido o espírito feudal que suplantou a velha política.

O feudalismo floresceu na Europa central por o clero ter sido partidário directo dos princípios da supremacia da lei eclesiástica sobre a antiga lei Romana da igualdade de indivíduos perante o código civil. Enquanto a igualdade em Cristo era pregada ao povo, *a supremacia da Igreja sobre o Estado era ensinada como o princípio fundamental da própria religião,* e ninguém que se recusasse a atender às exigências da hierarquia terrena poderia depender do apoio desse poder por um instante, para forçar obediência ao que restava da autoridade civil remanescente.

Era um esquema perspicaz por parte de seus inventores de obter e manter o poder em função do exercício gratuito do poder; e eles

começaram na fonte do controlo subordinando as faculdades intelectuais ao domínio da vontade. Assim, o primeiro princípio que eles adoptaram foi o da obediência inquestionável à representação visível da autoridade invisível. Foi uma aplicação pervertida de um grande princípio filosófico, a saber, a obediência à verdade como o verdadeiro caminho da perfeição mental e moral.

O próprio Cristianismo foi o resultado de um esforço por harmonizar as verdades conhecidas da ciência com as ficções das gerações anteriores; mas nunca foi assim entendido pelos seus devotos na vida mortal ou espiritual. Quando é entendido, o devoto deixa de ser Cristão e torna-se um cientista, ou alguém que conhece as verdadeiras relações que isso tem no departamento de ética. Se os elementos morais que lhe dão o valor real fossem relegados à sua verdadeira posição, teríamos o Platonismo do tipo mais puro sem a mistura de absurdos actualmente supostamente essenciais à manutenção da ordem social e que impedem a cooperação de todas as mentes bem-intencionadas da Terra numa acção conjunta num plano de verdade e pureza. Isso nunca foi favorecido pelo sacerdócio nas nações Cristãs mais do que entre as suas antecessoras, porquanto, assim que a raça se tornar suficientemente iluminada para compreender a natureza da vida, *não mais haverá necessidade adicional da manutenção de uma ordem sacerdotal na terra*.

Foi continuamente exercida uma influência definida e positiva dessa classe de mentes no mundo espiritual durante vários séculos, nas gerações subsequentes à época de Diocleciano e Galério. Em vez de perdoarem àqueles que os perseguiram, conforme ensinado pela sua fé, eles uniram-se para exercer uma influência directa sobre o próprio Império e determinaram a sua destruição. Havia muitos entre eles que haviam sofrido e que sentiram que o derrube do Império sempre evitaria a possibilidade de mais perseguição; e assim eles juntaram-se aos conspiradores engenhosos, e realmente fizeram mais - através de sua influência, por recordar às mentes daqueles que se encontravam sobre a terra os seus próprios sofrimentos - para mudar o sentimento das pessoas contra a autoridade nacional do que qualquer outra força empregada.

Eles não entenderam o motivo que levou à sua perseguição, mas entenderam que um governo que não fazia discriminação entre os astutos incitadores da insurreição e as vítimas iludidas era um mal a ser eliminado; e a força da sua oposição mental foi sentida na Terra muito depois de supostamente terem falecido. Foi dirigida principalmente contra a possibilidade de o poder civil ser novamente capaz de exercer uma política de perseguição contra qualquer um por questões de opiniões

religiosas; e que se diga em nome da verdade que nunca na posteridade foi a perseguição religiosa praticada entre as nações que sucederam ao antigo Império por parte das autoridades civis, a menos que fosse instigada pelos elementos religiosos da sociedade que obtiveram a autoridade suprema.

Desta última classe proponho falar livremente. Quando eles conseguiram a derrube da autoridade civil e substituíram a sua influência protectora pelo sistema de supervisão eclesiástica, então começou um capítulo na história da raça de um carácter que parece inteiramente anómalo. O intelecto que deveria governar a vontade foi subvertido, e os próprios princípios da lei e da ordem foram quer negados ou impedidos, e, se possível, afastados da mente.

A verdade natural ou os fenómenos naturais encontravam-se sob a supervisão directa de santos ou demónios, e nenhuma descoberta na ciência tinha permissão para ser conhecida, o que minimamente entrava em conflito com os dogmas estabelecidos pela igreja. Os homens, elevados a altos cargos na igreja, afirmavam ser os oráculos autorizados ou expoentes da Mente Divina em virtude do seu ofício. Não fazia diferença por que meios eles tivessem alcançado essa posição; a posição conferia-lhes o poder e o privilégio de enunciar a vontade da Deidade, e dava-lhes o *direito de enunciarem de forma autoritária qualquer falsidade como uma pura verdade.* Se a experiência tivesse demonstrado que a diferença entre a verdade e o erro era definida e distinta, o dogma da igreja que pronunciava o erro como verdade era considerado mais vinculativo para a consciência do que a demonstração da experiência.

Sob essa política, a astúcia e o engano tornaram-se factores primordiais no desenvolvimento do carácter de várias nacionalidades, e a traição, mais o derramamento de sangue, a condição normal da raça que habita a Europa.

O resultado que isso teve no povo, sujeito às variadas divergências, era incerto tanto no dano infligido quanto na dor sofrida. As pessoas afundaram sob o peso de uma tirania insuportável em suas exigências, e a esperança de redenção terrena dos males existentes pereceu. O sacerdócio indirectamente encorajava a continuação dessa política ensinando ao povo que a libertação dos males que suportavam era apenas *para ser esperada na vida futura* como recompensa pela tolerância e perseverança que demonstrassem no presente, e nunca emitiu uma sílaba de resistência à autoridade tirânica, se essa autoridade não entrasse abertamente em conflito com os princípios inculcados pelo sacerdócio. Era uma condição de transição no domínio mental, em que todos os

interessados estavam como que a abeirar-se de uma mentalidade caótica para um conhecimento das relações claras e bem definidas que existem na esfera da perfeição mental.

Eu não seria injusto para com o valor real da igreja na sua tentativa de controlar os elementos bárbaros e o seu poder restritivo; mas afirmo que fracassou na educação da mentalidade dos seus devotos com base numa verdade pura. Procurou governar pela repressão das faculdades intelectuais, e manteve a raça na escuridão muito depois que os seus olhos mentais foram formados para receber o influxo de luz.

É aqui que o *seu poder para o mal ainda é exercido* no plano terreno; pois, embora a natureza encubra o corpo em formação inicialmente na escuridão, ela nem sempre o mantém aí; e se, por acaso, não chegar a um parto natural no tempo adequado, resultará num produto monstruoso e anormal. O Cristianismo no plano terreno é tão antinatural e monstruoso na sua natureza real quanto o paganismo nos dias dos últimos imperadores. É uma protuberância que combina verdade e erro, e depende para a sua manutenção de uma contínua crença nos erros que a *astúcia fabricou para dominar as mentes dos ignorantes*.

Não difere materialmente dos erros do paganismo, que eram ensinados na minha época como verdade; mas com efeito há esta diferença: os erros do paganismo foram compreendidos pelos iniciados e ensinados aos iluminados no seu verdadeiro significado. Eles não foram ensinados aos ignorantes, e daí surgiu aquela política equivocada, tão predominante onde quer que a religião Cristã prevalecesse, de encobrir a verdade com misteriosos símbolos que estimulam a imaginação e fomentam superstições grosseiras.

A Europa Ocidental sente o íncubo (pesadelo) desse tipo de religião até à era actual, e sempre foi o principal campo de batalha entre as forças reunidas sob as bandeiras da emancipação mental e aquelas mantidas nos laços da superstição. As nações que permitiram a livre expansão do poder intelectual deram passos gigantescos no caminho do progresso material e mental, enquanto aquelas que foram dominadas pelo poder dominante em Roma encontram-se correspondentemente fracas e efeminadas. Estas últimas são incapazes de lidar com as outras em qualquer plano da acção, e embora frequentemente incitadas pelas hostes dos espíritos num plano similar de desenvolvimento a restabelecer as velhas ideias religiosas nas nações superiores pela força, elas conduzem os seus exércitos ao desastre e ao ignominioso fracasso.

Para aqueles que se encontram no plano mortal, isso pode parecer uma solução estranha e duvidosa dos problemas que as condições políticas da Europa envolvem; mas peço-lhes que anotem isto: desde a revolução religiosa que se deu na Europa, pela qual a autoridade papal foi desafiada e negada por certas secções, a liberdade de consciência foi seguida pela evolução das faculdades mentais a tal ponto que a superstição religiosa teve pouco efeito na determinação do status político ou mental do povo, e as mentes mais competentes têm se esforçado para moldar a política dos diversos governos com base nos princípios de equidade e da justiça.

Isso deu ao povo uma oportunidade de se desenvolver em todas as linhas que naturalmente tornam o indivíduo ou a nação poderosos; e como as nações são apenas agregados de indivíduos, vocês veem o resultado no crescimento dos governos que podem enfrentar e esmagar a oposição de nações supersticiosas, não importa quão poderosas elas possam ser em número ou prestígio. É o triunfo da mente sobre a matéria ou do intelecto sobre os elementos brutais da organização; e proporcionalmente à liberdade da imposição da vontade sobre o intelecto, a nação avança no caminho do verdadeiro progresso.

Este progresso não está inteiramente livre da influência das condições prévias do pensamento; mas tem isto a seu favor: se a mente estiver parcialmente subordinada às ideias religiosas, estará livre do grande erro de considerar as ideias como tendo qualquer representante autoritário visível sobre a terra, outorgando assim ao indivíduo o direito de um juízo privado, e convidando ao exercício activo as faculdades de juízo e da discriminação. *Ele poderá adorar o Deus invisível, mas não mais se curva ao representante visível;* e se ele não confundir a influência que emana dos espíritos desencarnados com a voz da Deidade, ele poderá desenvolver as faculdades mentais sem perigo de qualquer fé que ele possa ter na relação protetora e inspiradora que o seu credo lhe ensine como existindo entre a Mente Divina e a sua.

Há um perigo a que todas as pessoas religiosas estão sujeitas na ignorância de que padecem quanto às relações naturais existentes entre o espírito e a vida mortal; e esse perigo consiste no *exercício da vontade de mentes enganosas por meio da lei da indução magnética mental.* Foi a grande fonte de males que assombraram o mundo civilizado durante séculos, pois é somente no plano mortal que os seus males podem ser expressos no seu pleno poder.

Para a mente filosófica, não há desejo de exercer o poder, excepto pelo único motivo de beneficiar a humanidade. Para a mente religiosa há

um desejo latente de governar em prol da ambição pessoal, e a religião Cristã não é excepção. Segue-se o sistema autocrático de transição gradual no ofício e que procura introduzir nas esferas da vida espiritual os mesmos princípios que geraram as disposições despóticas sobre a terra. Copiou os costumes intoleráveis dos governos bárbaros e está em *conflito directo com as verdadeiras ideias das instituições republicanas ou princípios republicanos*.

A Europa, sob o regime das escolas de Platão, teria sido republicana por muito tempo antes disso, pois tinha os princípios germinativos do republicanismo na sua independência que as armas Romanas jamais puderam subjugar. O seu desenvolvimento foi visto na fuga dos seus cidadãos mais desenvolvidos para um país estranho, onde foi implantada, como base do nacionalismo, a antiga ideia Romana de igualdade de todos perante o direito civil, e a protecção de todas as religiões como de igual autoridade, mas subordinadas ao direito civil, impedindo assim a possibilidade de perseguição por parte de qualquer uma.

Esse princípio era tão bem conhecido e entendido pelas mentes filosóficas da minha era como pelos fundadores da grande República moderna, e era minha intenção, tivesse eu vivido, ter mantido o Império nessa linha de desenvolvimento; pois, com os homens mais inteligentes como conselheiros, a autoridade civil não teria transcendido as suas funções legítimas, e as pessoas ficariam imbuídas de um afecto em vez de ter medo dele. Eles não se teriam voltado para o sacerdócio como os verdadeiros expoentes dos direitos humanos, e, com o tempo, as superstições do passado ter-se-iam desvanecido das suas mentes como realidades, como elas se desvaneceram da vossa.

Não é necessário que designe individualmente os Estados que foram os principais expoentes dos princípios que mencionei; mas é suficiente afirmar que aqueles que anularam inteiramente as reivindicações do controlo eclesiástico Romano floresceram, e são os fortes poderes da civilização moderna, enquanto aqueles que mantiveram, e ainda sustentam, as superstições Católicas do passado são proporcionalmente fracos e fragmentados nos elementos que geram uma nacionalidade forte.

CAPÍTULO V

## A "ASCENSÃO DO RACIONALISMO NA EUROPA MODERNA" E AS RELAÇÕES QUE TEM COM A CIVILIZAÇÃO

É-me solicitado que escreva um capítulo sobre as fontes secretas daquela fase peculiar do pensamento moderno que foi expressa por um tipo de mente gerada nas escolas de ciência e filosofia e denominada racionalismo.

Este assunto envolve forçosamente muito que é estranha e incompreensível à visão mortal, por não se limitar a escolas especiais de pensamento, mas por ser igualmente provável de se encontrar entre pensadores isolados assim como entre os professores mais instruídos dos vários departamentos de pesquisa científica e filosófica. De facto, é mais frequentemente encontrado numa maior perfeição entre os pensadores isolados do que em qualquer das escolas; pois, correctamente, o poder de criar é diferente da do de distribuir; e o poder de gerar ideias não difere em essência do mesmo princípio na construção orgânica ou formativa.

O racionalismo é o resultado do cultivo da percepção e estudo dos fenómenos. Ele mantém uma relação com a ciência por o experimento em ciência tem com a obtenção de um conhecimento preciso dos fenómenos. Pode-se dizer que é a mais alta forma de evolução intelectual, por os poderes intelectuais serem os únicos factores empregues na formação de deduções a partir dos fenómenos.

A crença não tem lugar no campo da racionalidade, ou, pelo menos, não faz parte das premissas com base nas quais as deduções são formadas; e a única função que a crença tem numa mente racional é a de incitar essa mente ao processo de experimentação para determinar a verdade sobre qualquer questão. Pode-se, pois, dizer que o racionalismo é o resultado natural de uma relação combinada de ciência e filosofia, enquanto uma combinação de ignorância e dissimulação produz as variadas formas de superstições que, sob o título de religião, tem procurado sujeitar os poderes mentais à sua persuasão.

Nos dias dos últimos Césares, a grande disputa que se travou entre o pensamento racionalista e a crença supersticiosa foi travada entre as escolas de Alexandria e os sacerdotes de Roma. Não é geralmente conhecido na terra, nos dias actuais, o que era realmente ensinado nessas escolas; mas se vocês alguma vez entenderem que uma grande nação não

pode existir sem as suas escolas de carácter médico e legal, vocês poderão prontamente entender a sua natureza.

As escolas foram os focos da vida intelectual do Império. Os médicos e advogados, o exército e os cadetes navais (como vocês lhes chamariam) os candidatos a cargos civis e judiciais - todos recebiam as suas primeiras impressões do seu trabalho para a vida das várias escolas espalhadas pelo Império; mas as principais sedes da força educacional no Império situavam-se em Atenas e Alexandria. Essas cidades detinham as rédeas do poder formativo; pois, ao fornecerem as ideias de comando aos jovens do Império, o Império sujeitava-se mais em muitos aspectos a elas do que aos seus exércitos.

Estou mais ansioso por que o mundo entenda a influência que essas escolas tiveram no estado mental de minha era do que as meras vitórias dos exércitos Romanos devam ser mantidas em tão alta estima, porque enquanto a vida intelectual da nação foi apreciada o Império floresceu; e foi apenas quando foi suprimida que a desintegração e a anarquia sobrevieram.

Essas escolas de ciência Grega e literatura Alexandrina eram racionalistas na influência que exerciam sobre as relações intelectuais e morais da juventude.

Por causa disso, o elemento religioso temeu-as e planeou a sua destruição. O elemento religioso no Império não era ignorante da verdade científica. Conhecia o carácter infundado dos deuses, ou melhor, conhecia o seu verdadeiro carácter; mas *não foi honesto nas suas relações com a população*, e perdeu a confiança das classes esclarecidas que o teriam levado a perecer por negligência se o esquema mais ousado já fabricado pelos sacerdotes não tivesse sido inventado e instituído em Roma para preservar o poder, enquanto mudava a forma externa.

Esse esquema só recentemente foi trazido ao conhecimento dos mortais, mas ele é conhecido na vida espiritual há séculos, e o trabalho de Strauss, * na Alemanha, foi um esforço para dar aos mortais uma sugestão da verdadeira fonte da actual crença religiosa da Europa moderna. Outras mentes vislumbraram a verdade, mas tão densas foram as trevas, e tão duvidosas as provas, que dificilmente ousaram dar ao mundo a verdadeira ideia da questão moderna do culto religioso.

** David Strauss, renomado escritor Alemão que escreveu sobre a religião Cristã.*

Vi claramente durante a minha vida terrena que a Deidade Cristã não era melhor na sua natureza do que as antigas divindades de Roma e da Grécia; e, como representavam apenas condições ideais do desenvolvimento humano, eu mais encorajei do que desencorajei a sua adoração por essa classe de mentes que precisa ter uma incorporação de princípios visível.

Mas nunca os adorei no sentido que o sacerdócio Cristão asseverara; pois que, assim que a mente se eleva ao plano de uma compreensão racional da crença religiosa, ela não mais pode ser mantida nos limites de qualquer credo, por mais que esse credo pareça incorporar a sabedoria divina.

Quando o conflito entre as escolas do pensamento racional e as ideias da subserviência sacerdotal surgiram, as primeiras não recorreram às armas, excepto às da razão e da verdade. Porém, com as última, não sucedeu isso. Eles satisfaziam as fraquezas dominantes dos imperadores reinantes e buscavam, através das suas superstições, suplantar pela força as velhas ideias da filosofia; e com o braço forte da lei civil eles barraram os acessos por onde a descoberta intelectual poderia ter uma oportunidade de se exprimir, e durante mil anos esses acessos permaneceram fechados contra o ingresso e a saída do pensamento que ameaçasse em alguma medida o derrube da sua supremacia. Mas o trabalho deles não se ficou por aí. Primeiro, buscaram a aliança com o poder civil; e, depois de o terem conseguido, eles fizeram prevalecer a influência do controlo directo sobre as suas funções, e depois sobre o exercício das suas funções, de modo a impedir que se verificasse qualquer mudança no pensamento humano no plano da Terra.

Qualquer mudança era por eles considerada digna de ser amaldiçoada e condenada. Sob tais condições, não é de admirar que as províncias da Europa, que estavam emergiam de uma condição bárbara para uma civilizada, reincidiram numa condição pior do que a anterior, e durante séculos permaneceram num estado de selvageria que parecia impedir qualquer esperança de elevação.

Não sou optimista na avaliação que faço da relação que o erro mantém no seu poder de privar os indivíduos ou as nações do seu direito natural inato; e depois de ter visto a miríade de exércitos dessas províncias envolvidas em batalha sem nenhum objectivo que justificasse o derramamento de sangue, sem nenhum objectivo bem definido pelo qual qualquer das partes obteria qualquer finalidade digna de luta, comparei essas guerras, que inundaram as planícies da Europa de sangue e rapina,

com as guerras do Império, que sempre foram travadas contra o princípio da desintegração e em favor de uma unidade nacional de propósitos.

Quando os nossos exércitos eram bem-sucedidos, nós estendíamos a protecção da lei civil aos conquistados, e eles tornavam-se parte integrante da nação; mas as guerras que devastaram a Europa moderna deixaram os vários participantes sem outro resultado senão o seu esgotamento mútuo e a sua incapacidade de infligir mais infortúnio nos seus cidadãos durante um período.

O espírito da paz e da fraternidade não é autoritário quando os exércitos a postos são mantidos com tal custo para a energia produtiva de um país; e sinto-me justificado para afirmar que o espírito militar, cultivado pela antiga Roma, era superior nos seus motivos àquilo que o suplantou na Europa Cristã.

Não há esperança de desenvolvimento progressivo enquanto a força militar de uma nação for subserviente à religiosa em vez do poder civil; e antes que pudesse verificar-se um retorno aos princípios que tinham tornado a autoridade Romana na era dos Césares tão eficaz em favor da cultura intelectual e do esclarecimento mental, a força religiosa teve que ser quebrada, o que foi realizado por dois grandes agentes, a saber: a arte da imprensa e a revolta religiosa do século XVI.

A arte da impressão foi a cunha de abertura na sólida falange da superstição que envolvera a mentalidade da Europa; pois deu à literatura Grega uma oportunidade de ser reconhecida na verdadeira relação que tinha com a cultura literária moderna; e os estudantes nas universidades descobriram que haviam sido registadas ideias que indicavam um tipo de crescimento mental igual em poder intelectual, senão em zelo religioso, aos instrutores mais recentes da juventude. O uso dos tipos (dígitos) trouxe à religião uma inspeção não prevista pelo inventor, pois colocou os dois sistemas em contraste directo; e embora as superstições das divindades pagãs tenham sido relegadas para o domínio da mitologia, *os seus homólogos no Cristianismo* começaram a ser questionados por mentes esclarecidas e ponderadas.

Os produtos iniciais desse questionamento foram dirigidos à base da autoridade eclesiástica, e após a descoberta de que isso emanava do ditador pontifício de Roma, as secções do norte da Europa revoltaram-se num corpo, mas não emergiram por completo para uma posição de independência religiosa. Foi uma vitória parcial para o racionalismo, por todo o recurso à razão contra a autoridade da tradição; mas os devotos da

autoridade excediam em número os devotos da razão, de modo que a lealdade à autoridade papal foi transferida para o pretenso ditado divinamente inspirado de um volume escrito. Foi como todos os grandes movimentos que se dão nas revoluções de cariz mental; um acordo de forças por meio do qual a mente é impelida num círculo em vez de uma linha reta, e a mentalidade de grande parte das províncias revoltosas circula em torno das ideias centrais da religião que se recusa a reconhecer nas suas pretensões arbitrárias à sua fidelidade.

Aqui temos uma chance para o pensamento racional, mas não um campo livre para a sua plena expressão; pois a mente que transfere a sua fidelidade de um expoente para outro do mesmo pensamento central não pode analisar o pensamento central de uma maneira imparcial e, por conseguinte, não pode formar uma conclusão fiável quanto ao seu verdadeiro valor.

Esse é o problema de todas as mentes que são apenas parcialmente racionalistas ao lidar com as questões religiosas desta era. *Elas confinam os seus raciocínios à expressão externa da religião* em vez das relações internas que a religião tem com os princípios naturais, e ficam perplexas pelas conclusões a que chegam a respeito dela. Elas podem perceber o absurdo que é adorar Júpiter ou Diana, que outrora representavam o poder criativo e a pureza virgem, mas não veem que a ideia de poder criativo unida à pureza virgem com a finalidade de produzir um tipo perfeito de masculinidade, é apenas outra forma de ideia que a Roma pagã pregara durante séculos antes da era Cristã.

Eles veneram de facto a personificação visível desses princípios e resultados sob outras designações, mas se a reivindicação da autoridade primordial pertence a qualquer religião, ela pertence ao criador da ideia e não ao seu destinatário.

O resultado inicial do despertar intelectual moderno na Europa foi praticamente a comparação e o contraste de ideias respeitantes às religiões primitivas; e o resultado desse trabalho é visto no crescimento do racionalismo em lugar da teologia em todas as comunidades civilizadas e esclarecidas. Em solidariedade com essa elevação de pensamento, devo acrescentar, está a influência directa das hostes de inteligências, invisíveis à visão mortal, que dirigem os seus poderes de pensamento sobre os organismos da terra que melhor se ajustam à expressão de ideias avançadas.

Os receptores terrenos dessa sabedoria são exemplos marcantes do poder do pensamento racionalista e expoentes proeminentes das ideias que *impulsionam* a raça humana no plano da Terra para o caminho da ciência e da descoberta como os verdadeiros métodos de averiguação da verdade.

Para eles, nenhuma ideia religiosa é sagrada pela análise, e para eles vem silenciosamente a ajuda das mentes que há muito tempo emergiram do reino do misticismo para o da pura luz da verdade não adulterada. Eles não podem ser cegos, se o forem, nem ocultam dos ignorantes e errantes sobre a Terra as verdadeiras relações que todas as almas têm com os princípios e os resultados eternos. A eles, o mundo deve a sua redenção da ignorância e do erro, e a eles também é dada a coroa do mártir.

## CAPÍTULO VI

## A CAUSA DO ANTAGONISMO EXISTENTE ENTRE O RACIONALISMO E TODOS OS SISTEMA S RELIGIOSOS DA PRESENTE ERA BASEADA NO CRISTIANISMO

É necessário que eu escreva especificamente sobre as relações menos significativas dos sistemas religiosos, a fim de explicar o antagonismo que sempre existiu entre a filosofia e todos os tipos de Cristianismo desde o seu advento no plano terreno. Para isso, preciso primeiro explicar a origem do politeísmo e as relações que teve com o desenvolvimento mental na vida mortal.

Parece-lhes intrigante que os homens alguma vez pudessem acreditar numa multiplicidade de deuses e que os sistemas religiosos tenham diferido tanto em diversas partes do Império. Mas uma vez que consigam compreender o que queremos dizer com o termo 'deuses,' verão que o politeísmo Grego não era mais supersticioso nos seus dogmas do que o politeísmo Cristão que o sucedeu.

Deuses ou divindades significavam, nos nossos dias, a força criadora e preservadora que permeava todos os fenómenos. Víamos os fenómenos da natureza a surgir e a avançar a partir de uma fonte desconhecida e invisível, fonte essa a que chamávamos Deidade, ou Sabedoria Divina. Nós aplicamos esse termo por ser tão diferente da sabedoria humana que só poderia criar outras formas, ou manipular a matéria depois que ela fora formada, e por existirem manifestações das inteligências humanas do

mundo invisível, nós as associamos ao ideal inicial, mas como exibições subalternas da Sabedoria Divina.

Ao poder criativo primitivo era atribuída a função de controlo supremo sobre todos os outros, sob o título de Zeus (Grego); Júpiter (Romano); Jeová (Hebreu); Osíris (Egípcia), etc. Esses termos expressavam essencialmente a mesma ideia aos adoradores de cada nação, e eram permutáveis na tradução do idioma.

A exibição de inteligências espirituais sob os títulos de anjos, demónios, espíritos, etc., era considerada por nós como o trabalho de deuses ou divindades menores, que eram invocados como guardiões especiais de lugares ou indivíduos. Na realidade, eram os espíritos das pessoas que haviam deixado a vida terrena, mas eram atraídos por aqueles que ainda aí se encontravam por diversos motivos. Existiam em todos os graus de desenvolvimento mental e moral e expressavam todos os atributos das classes às quais pertenciam.

Assim, reparávamos que eram afectados por paixões humanas e que exibiam as loucuras e fragilidades que denotavam uma origem mortal. Alguns deles eram habilidosos e tinham a ambição de exercer poder sobre os que ainda estavam na vida mortal; e, escondendo habilidosamente a sua real natureza dos seus porta-vozes terrena, expressavam através deles as suas ordens, dando origem à crença de que, ao fazê-lo, eles estavam a expressar a vontade da Inteligência Suprema.

Foi por esse método de instrução espiritual que as grandes diferenças que surgiram entre os politeístas podem ser explicadas; pois os oráculos que eram consultados e que se acreditava serem a voz do Poder Supremo, com frequência não passavam de espíritos enganosos, que procuravam dessa maneira impingir ao ignorante mortal as suas próprias opiniões como decretos do Todo-Poderoso; e, como existiam diferentes oráculos, havia muitas revelações que eram contraditórias nas declarações e absurdas no seu significado.

Houveram alguns santuários que foram dedicados à descoberta e propagação da verdade; e, se o buscador em tais fonte tivesse motivos puros, ele geralmente obtinha uma resposta verdadeira às perguntas que fazia. Foi essa mistura de erro e verdade nos vários centros de relação espiritual que criou a diversidade e o antagonismo entre as ideias religiosas do mundo antigo e, em especial, entre os crentes pagãos e Cristãos da minha era.

Os filósofos entendiam os princípios gerais da relação espiritual, ou, pelo menos, sabiam que uma grande parte das chamadas revelações dos oráculos eram ou as invenções do sacerdócio ou as obras de uma classe de espíritos perniciosos que infestavam os templos, incitando os ingênuos ao mal. O tipo mais puro de filosofia não ensinava que a Mente Divina alguma vez se tinha incorporado, embora Platão tenha expressado a ideia disso em alguns de seus ensinamentos, querendo com isso dizer que o tipo perfeito de masculinidade era similar á mais elevada expressão da sabedoria do Divino.

Foi essa ideia que o sacerdócio Cristão ensinou como tendo sido realizado pelo seu fundador, e a fim de garantir a sua aceitação naquela classe de mentes que ainda acreditava na reencarnação da alma, eles reivindicaram uma natureza dupla para a sua divindade, ou a de um homem Divino. Não havia nada de essencialmente novo em tal afirmação, pois a teologia Grega e Romana ensinavam que a Divindade poderia, e muitas vezes fazia-o, encarnar nos grandes e marcantes tipos de masculinidade que eram divinizados em apoteose após a morte; mas os Cristãos reivindicaram o monopólio da ideia e, embora negassem a possibilidade disso a outros, baseavam a sua própria esperança de felicidade eterna na verdade, como supunham, de ter ocorrido uma única encarnação Divina na Terra. O absurdo dessa afirmação era tão evidente para as mentes inteligentes da minha era que mal se preocuparam por a procurar refutar seriamente, e assim, por padrão, o antídoto para o erro foi omitido até que a Terra fosse envenenada por ele, e os poderes mentais da raça fossem prejudicados quase além da possibilidade de restabelecimento.

É assim que sistemas repletos de erros surgem e se enraízam nos afectos, e afastam as mentes dos seus devotos da verdade na sua pureza. *O Cristianismo contém nos seus princípios muitas, se não todas as características essenciais da mitologia pagã e da filosofia pagã.* Não tem mais valor intrínseco do que o sistema que suplantou, mas deve ser melhor compreendido nas verdadeiras relações que tem com esses sistemas. Foi a realização de um esforço destinado a produzir uniformidade de culto religioso em todo o Império, e o seu sucesso foi proporcional à incorporação das características essenciais de outras religiões.

É inútil falar do Cristianismo na sua pureza primitiva, pois nunca teve uma condição primitiva em que pudesse estar livre de uma associação a ideias que se encontravam em existência muito antes que o termo Cristão fosse conhecido.

Não é essencial que eu escreva sobre a veneração primitiva da Roma antiga, ou sobre as nações que compunham o Império, mas sim que lance uma luz sobre a obscuridade que rodeia a natividade das ideias Cristãs que descenderam até esta era. Essas ideias eram principalmente o resultado de dois tipos de desenvolvimento mental, a saber, as mais máximas puras da filosofia e as ficções alegóricas do sacerdócio. A combinação de ambas, na forma do Cristianismo, foi uma política equivocada da parte dos que estiveram na sua origem, na medida em que, com a nova forma de expressão, *se verificou uma regressão do conhecimento da sua verdadeira fonte.*

A ficção da relação divina com as mulheres da Terra foi preservada no fabuloso relato da concepção milagrosa e do nascimento de Jesus de uma mãe virgem. *A ideia não era nova, mas achava-se cercada por um halo de santidade como o único caso que realmente tinha ocorrido na Terra.* Foi uma ideia conhecida para a maioria dos convertidos primitivos, mas também foi ensinado que era definitiva, e que nunca poderia ocorrer de novo. Foi assim com a maioria das doutrinas que constituíram o corpo da divindade entre as várias seitas dos Cristãos em todo o Império.

As ideias foram tiradas das antigas religiões, mas mudadas o suficiente para parecerem novas à multidão ignorante que as adoptou. Os filósofos observavam espantados a obtusidade dos crentes da nova religião que *não conseguiam discernir a identidade das velhas lendas sob a sua nova fraseologia*: mas os propagadores interessados nas ideias pareciam afectados pelo fanatismo consanguíneo da loucura, e nunca cessaram de fazer esforços por substituir as velhas divindades pela nova, embora esta não fosse mais digna de homenagem do que as outras.

Parecia haver uma determinação por parte de muitas mentes de outra forma intelectualmente inteligentes por *fazer da natureza religiosa o principal objectivo do cultivo*, e assim conduzir a raça a um plano de desenvolvimento que deveria excluir todo perigo para seu bem-estar eterno. Eu posso explicar isso apenas com base no desejo do astuto de governar por meio da superstição, e dos ingênuos de garantir a sua própria segurança pessoal no mundo dos espíritos.

A doutrina da imortalidade era geralmente aceite e compreendida pelos religiosos pagãos, e os fenómenos de natureza espiritual foram observados e estudados pelas mentes filosóficas de todos os tempos; mas não havia ideias bem definidas ou bem expressas sobre sua a sua natureza e leis, e aí penso que o sacerdócio Cristão exerceu o seu maior poder, pois

alegava compreender e repartir pela humanidade um certo conhecimento dos princípios que governam o mundo eterno.

Eles consideraram-se como os únicos guardiões desse conhecimento, e os únicos canais autorizados para a sua dispensação na Terra, e com essa própria alegação, obtiveram credibilidade da parte do ignorante, que eles mantiveram dado que adoptando a política de manter a sua posição através do *cultivo da ignorância como necessária à crença.*

A mente filosófica em minha era e em todas as eras jamais reivindicou um conhecimento absoluto da verdade em qualquer campo como uma finalidade, um objectivo; mas enquanto a aceitação da verdade, onde fosse conhecida, fez dela, em vez disso, *uma base para o aumento do conhecimento*, e em especial naquele campo da ciência espiritual que, na melhor das hipóteses, tinha sido apenas parcialmente explorado, não ousava pronunciar o seu decreto, salvo da maneira mais cautelosa.

Conhecia o suficiente dos princípios da existência imortal para considerá-los como fatores que não devem ser negligenciados na estimativa do valor da vida mortal; mas jamais teve aquela disposição para dogmatizar as condições que caracterizaram a mente Cristã desde que o Cristianismo se tornou o expoente reconhecido de uma existência futura.

A questão da vida imortal envolvia muitos problemas para que qualquer um assumisse autoridade para dogmatizar, e era deixado para os defensores do Cristianismo no reino mortal estabelecer definitivamente limites sobre o destino eterno da alma, e para sustentar que os seus dogmas tinham a sanção e a decisão da Mente Divina.

Essa suposição acha-se na base do antagonismo existente entre o Racionalismo e o Cristianismo. Ela existia na minha era e, desde então, perturbou as relações existentes entre as mentes imbuídas de *um amor pela verdade pura, e as que se contentam em aceitar o conhecimento imperfeito de uma exposição parcial da verdade*. Parece não haver meio-termo para um compromisso de ideias enquanto o mundo Cristão resolutamente mantiver a sua posição actual em relação a críticos sinceros quanto às suas pretensões à infalibilidade. A relutância da mente clerical ou eclesiástica em admitir uma possibilidade de erro na fundação do seu sistema religioso obriga os racionalistas a concluir que o mundo religioso está encalhado num mito, e se encontra numa condição tão desamparada nesta era quanto em qualquer período na história do mundo.

O erro está tão enraizado na essência da vida de uma parte da raça que parece impossível atacá-la sem grave prejuízo da *verdade velada sob o mito*, e as mentes ponderadas esquivam-se a atacar o que realmente é um grande obstáculo ao progresso bem-sucedido a corrida.

Algumas mãos ousadas são erguidas em protesto contra a imposição da falsidade enquanto verdade; mas, até agora, o seu trabalho é apenas parcialmente compreendido, e os habilidosos defensores da mitologia religiosa desta era detêm um poder quase indiscutível sobre um grande número de pessoas que imaginam que o seu futuro bem-estar eterno dependa de ignorância de quaisquer ideias, excepto aquelas pertencentes ao dogmatismo religioso estabelecido.

O racionalista, porém, tem isto a seu favor: ele é capaz de esperar, e só precisa ter as ideias verdadeiras desenvolvidas de uma maneira inteligível para assegurar uma consideração por aquelas mentes que são naturalmente progressistas, e pela ajuda das hostes espirituais, que estão em simpatia com o pensamento liberal, *uma concepção racional do pensamento espiritualista pode ser dada e entendida por mentes inteligentes no plano da Terra*.

Eu digo mentes inteligentes; pois os devotos supersticiosos de qualquer credo não são inteligentes na defesa que fazem dos seus dogmas peculiares. Eles carecem dos princípios fundamentais da percepção espiritual e *não podem tornar-se versados na verdade espiritual até que essa faculdade seja despertada.*

Mesmo o racionalista, que carecer desse poder de percepção espiritual, será deficiente neste aspecto essencial; e, se não for cuidadoso, cometerá um erro tão grande quanto o seu adversário Cristão na estimativa que faz das verdadeiras relações da vida terrena com o mundo espiritual. Entretanto, ele pode remediar a sua deficiência; e, se exercer os seus poderes de discriminação pelos quais a verdade é julgada pela razão, será muito mais provável que se torne espiritualmente esclarecido do que o seu oponente cego, cujas faculdades mentais se desenvolvem sob a influência de um sistema de erro positivo que tem sido confundido há tantos séculos como a única fonte verdadeira de luz e conhecimento espiritual.

CAPÍTULO VII

## O MOVIMENTO ESPIRITUAL DA PRESENTE ERA E A RELAÇÃO QUE TEM COM O CONFLITO ENTRE RACIONALISMO E TRADIÇÃO RELIGIOSA

Ao observar as mudanças que ocorrem nas condições mortais da raça, muitas vezes testemunhei o espanto que os historiadores da terra expressam ante as súbitas transições revolucionárias que marcam as épocas da história. Alguns dizem que, para obterem uma ideia correcta de uma civilização antiga, é preciso abandonar a ideia de que os povos antigos, cujo código civil e moral foi transmitido à posteridade como a maior exposição da sabedoria divina, não eram iguais em pensamento ou sentimento às gerações da presente era.

Há o sentimento generalizado na Terra de que, de alguma maneira misteriosa, os habitantes do mundo de há dois ou três mil anos atrás, eram tão diferentes que os residentes do mundo eterno poderiam ter uma relação próxima e favorecer os mortais e expressar a vontade e as ordens do Supremo Criador.

Essa ideia foi diligentemente fomentada pelos mestres religiosos da época actual, e nela se fundam os sistemas de dogmas religiosos nas diversas nações. O efeito prático da crença nessa ideia é o de evitar que a actual geração na terra considere a sua verdade ou falsidade, e substituí-la pelo princípio da aceitação incondicional (sem questionamento) por ter sido pregada e acreditada durante tantos séculos como sendo a verdade.

Eu escrevi sobre a natureza da antiga adoração pagã, mas terei que declarar aqui um facto sobre a nação Hebraica que geralmente não é conhecido. Ela procurou preservar e manter intacto o monoteísmo do Egipto, e foi realmente pioneira da era actual na preservação da filosofia original do mundo antigo da corrupção sacerdotal.

A teologia Hebraica tinha um ponto fraco. A mente controladora do reino espiritual, que se anunciara como o poder guardiã daquela nação, foi infeliz ao dar a impressão de que ser o Ser Eterno. Ele não foi inteiramente responsável pela firme implantação dessa ideia naquela nação, pois o seu motivo era impedir, se possível, que a nação caísse na licenciosidade bárbara das nações vizinhas; mas o sacerdócio que ela instituiu foi interpretada pelo povo como se essa divindade fosse o GRANDE EU SOU.

Conversei com muitos espíritos que viveram na época em que o código Hebraico foi adoptado, e o testemunho que deram foi invariavelmente o seguinte: que foi substancialmente alterado após a conquista de Jerusalém pelos Assírios, mas que originalmente o espírito guardião só procurara levar a nação a preservar intacta a ideia da existência de um poder controlador no universo; mas, infelizmente para o mundo, ele foi deturpado como tendo afirmando ser esse poder.

Já podem ver por aqui que não importa quão verdadeiro e puro o motivo do espírito possa ser, se ele delegar aos mortais autoridade, em qualquer medida que seja, na representação das suas ideias, ele sempre estará em desvantagem pela deturpação terrena, se os seu reputados agentes optarem por fazer com que assim seja.

O resultado prático desse esforço foi a instituição de um sacerdócio em prol do monoteísmo, porém, um sacerdócio que, como todos os sacerdócios, era passível de se tornar corrupto e indigno de confiança como o existente nas nações politeístas.

Não pretendo ser injusto com nenhum membro individual das várias ordens sacerdotais que têm de era para era ministrado nos altares das várias religiões. Conheço as dificuldades que uma posição falsa pode acarreta em qualquer classe de homens na existência mortal ou até mesmo na esfera espiritual da vida; mas devo dizer aqui que o problema que aflige as religiões de todos os géneros é esta: ninguém na vida mortal jamais poderá verdadeiramente afirmar que exprimiu a vontade do Ser Eterno, e todas as declarações que eles fizeram foram imposições ou invenções, seja do mundo espiritual, seja do mundo mortal.

Isso leva-me directamente a uma consideração dos enunciados oraculares de todas as divindades. Existem certas relações naturais entre os organismos na vida mortal e espiritual, por meio das quais o poder mental, ou pensamento de cada um, pode ser transmitido. Esse método é essencialmente o mesmo em todas as nações, e as ideias transmitidas por seu intermédio correspondem aos graus de desenvolvimento mental do operador no lado espiritual, um tanto modificados na expressão pelo desenvolvimento mental do médium no lado da terra. O resultado natural do uso desse poder é a transmissão de algumas ideias que tanto podem como não ser verdades exactas sobre o assunto em questão, proporcionalmente ao conhecimento e à honestidade do transmissor espiritual.

Quando qualquer mente afirma saber mais do que obteve pelo conhecimento do estudo, da observação e do desenvolvimento, é um caso claro de asserção egoísta, senão mesmo de positiva falsidade; e quando revelações, que aleguem vir do mundo espiritual, transmitem enunciados que transcendem a capacidade de alcance de uma mente espiritual, elas podem ser seguramente rejeitadas como falsas desde as suas próprias bases. Esse é o problema de todos os sistemas religiosos que se fundamentam nas reivindicações de uma revelação divina e final.

JAMAIS ALGUMA REVELAÇÃO DESSAS
FOI OU PODERÁ SER DADA AO HOMEM

enquanto a raça existir em condições como as actuais.

Mesmo aprovando a existência de uma Mente Suprema, torna-se evidente que nenhuma mente no plano inferior tem, ou pode ter, calibre suficiente para expressar plenamente o seu pensamento, e esse facto, por si só, impede o mundo de receber uma revelação completa da sua vontade e finalidades. Todos quantos se proponham sê-lo carregam nas suas próprias afirmações a evidência do seu carácter fictício, e só têm lugar em qualquer era do mundo entre as mentes ignorantes e supersticiosas que prontamente se tornam uma presa dos planos da de astúcia e da ambição.

*A divindade de qualquer povo geralmente reflete os traços distintos de carácter que o grau mental e moral daquele povo gera* e, consequentemente, a
Deus de qualquer nação constitui um tipo de carácter nacional, expresso pelo seu sacerdócio.

Deveria ser dada alguma explicação sobre as ideias em que agora acreditam a respeito do carácter divino e aquelas mantidas pelo mundo antigo. Os do mundo antigo expressavam as suas diferenças religiosas através da adoração de diferentes divindades, cada uma das quais (divindade) representava uma expressão distinta de alguma ideia central; enquanto na vossa era essas diferenças são expressadas por meio de diferentes seitas que consideram a Suprema Divindade como incorporada nas ideias especiais em torno das quais centram a sua seita peculiar.

Daí surgem as mais diversas formas de pensamento e expressão concernentes à natureza da Divindade, muitas vezes tão contraditórias que mentes inteligentes no plano da Terra concluem que todo a questão da religião e adoração religiosa se baseia na especulação fabulosa e visionária

de mentes desequilibradas de todas as eras, que procuraram restringir o mundo com cadeias mentais que nunca deveriam ser rompidas.

No seu zelo iconoclástico por romper essas cadeias, eles negligenciaram a grande verdade subjacente a todos os sistemas religiosos que, uma vez compreendida, capacitam a mente a dispensá-los como finalidades e a relegá-los para a sua posição adequada na história do mundo.

Isso nada mais é do que o relacionamento natural que existe e sempre existiu entre as condições físicas e espirituais da vida. É a única ideia que nunca foi completamente extinta nas nuvens escuras da superstição que se instalaram como uma mortalha nas terras sob o domínio imediato das religiões Cristã e Maometana.

Contudo, será recebida pela fé e não pela vista, e será vaga e insatisfatória para alguns, enquanto para outros parecerá certa e conclusiva. Os primeiros não compreenderão a razão das suas dúvidas, nem os últimos o verdadeiro fundamento da sua fé, até que sejam instruídos quanto à natureza deste influxo espiritual que, às vezes, permeia a atmosfera moral e mental da Terra.

Eu gostaria de dizer aos da Terra, de uma vez por todas, que nenhum movimento espiritual no plano da Terra existe *que não tenha seu início no mundo das almas*, cujos residentes, aproveitando as relações naturais existentes entre os dois reinos, podem influenciar os seus irmãos da Terra. Quando a fonte do influxo vem de um alto grau moral e filosófico de espíritos, vocês têm um renascimento das artes e das ciências; enquanto, por outro lado, se vier de um tipo inferior, vocês terão um renascimento de ideias religiosas obsoletas, apoiado por um poder de vontade aparentemente invencível que convence as almas mais endurecidas e degradadas da existência de uma força espiritual capaz de constranger a atenção senão mesmo de forçar a obediência; e, apelando aos temores, frequentemente induz uma mudança parcial de conduta.

Esse é o tipo distinto de pensamento gerado pelos espíritos religiosos, intitulado de Espírito Santo, de que depende o poder de produzir os fenómenos mentais peculiares no plano da Terra, conhecidos como ressurgimentos religiosos.

O seu benefício, quando conduzido por forças espirituais que buscam aperfeiçoar a condição moral dos homens, pode parecer fazer mais do que contrabalançar os seus maus efeitos; mas, como todos os sistemas que

comportam uma mistura de verdade e erro, o mal resultante de tal agitação muitas vezes ultrapassa o bem de tal modo que leva as mentes ponderadas a considerar seriamente a conveniência de os admitir mais como necessários ou reformatórios.

O fracasso de ser alvo do o respeito e da confiança das mentes conscientes é a sua grande fraqueza. *Eles não têm o apoio e a aprovação dos mais sábios* do mundo dos espíritos, por saberem que nenhum sistema de religião ou moral que não incorpore o poder motivacional de toda a verdade e a sua revelação, é um sistema seguro para os espíritos ou mortais para adoptar. Isso, os presentes sistemas religiosos da Terra, não fazem mais do que aqueles de há vinte séculos atrás. *O sacerdócio pagão ocultou a verdade e falsificou à vontade,* onde consideravam ser conveniente; e o sacerdócio Cristão não pode, em verdade, afirmar que se saiu muito melhor.

*Eles uniram-se contra o advento da verdade espiritual por intermédio dos únicos canais pelos quais ela pode alcançar a Terra, com explicações quanto à sua natureza* e, consequentemente, os seus templos encontram-se desprovidos de poder espiritual de carácter verídico. *Eles abundam com os espíritos ignorantes e subdesenvolvidos de todas as classes e condições que agem sobre* e através de sensitivos que aí adoram de tal maneira que fazem com que os ponderados e os atentos se questionem se abundará mais excelência moral e mental nas mansões celestes ou se as antigas divindades de Roma nunca foram suplantadas pelas concepções modernas da natureza divina.

Os espíritos religiosos são principalmente notáveis pela extrema solicitude que manifestam para que o status moral do mundo não se deteriore se o elemento religioso não conseguir manter o controlo dos interesses educacionais da raça. Eles apegam-se com pertinácia à ideia da extrema santidade dos dogmas religiosos e impregnam os seus destinatários na terra com ideias semelhantes, preservando assim de era para era a confiança na necessidade de uma educação religiosa para preservar o mundo da corrupção moral.

Através dos seus canais terrenos, eles *transmitem ideias falsas relativas ao verdadeiro status de uma vida espiritual*, e impedem o influxo, na medida do possível, de declarações verdadeiras que possam trazer grande benefício às mentes na terra. Essa é a parte da caridade supõe que isso seja feito com motivos puros por parte de muitos, mas a verdade obriga-me a afirmar que *nenhum espírito pode usar esse poder natural de influenciar os mortais sem se instruir sobre a sua verdadeira natureza*; e

assim, se fracassar na das ideias verdadeiras ao receptor terreno, o espírito toma parte no engano espiritual e na consequente degradação pessoal.

Por causa da oposição determinada, por parte desses espíritos, à difusão das verdades espirituais na Terra, surgiu uma combinação poderosa no mundo espiritual daqueles que têm conhecimento e amor pela verdade na sua relativo às *relações da vida mortal e da espiritual; mas esses espíritos distanciam-se de toda associação com os sistemas religiosos, excepto o facto de se apresentarem como expositores explicativos deles.*

Eles são racionalistas na teoria e cientistas na prática, e fundam as suas deduções nas mais cuidadosas experiências que elaboram no campo das forças materiais e espirituais; e as suas ideias, quando recebidas e entendidas, instruem as mentes sobre a Terra sobre a única base sólida da inteligência espiritual em qualquer dos dois mundos. Eles observam a raça há séculos, e tocam um cérebro aqui e outro ali com o impulso sagrado da verdade viva, independentemente dos dogmas religiosos, e, sempre que possível, erguendo o véu durante um período daquelas mentes cujo crescimento natural tende a elevá-las acima do domínio do erro.

A religião respondeu mártires da verdade em certas eras, mas o mundo foi impulsionado suficientemente para diante ara que agora proteja os seus instrutores científicos da perseguição religiosa; e, nesta era, uma mente - como um Darwin, ou Tyndale, ou Huxley -- vale mais para a raça do que todos os papas ou prelados que já existiram, pois os primeiros instruíram no plano terreno as ideias preliminares de mentes avançadas no mundo dos espíritos. Essas ideias, suplementadas pelos factos de um verdadeiro fenómeno espiritual, darão ao mundo a verdadeira revelação da natureza espiritual e, quando expressas em linguagem inteligível, não deixarão de educar e instruir todos os que estiverem sob a sua influência. Será a força redentora, e eu posso em verdade afirmar plenamente, que é a única força redentora que pode mudar a actual política irracional e opressiva que a religião, através dos seus diversos tipos e agentes, impôs à raça.

Não há necessidade de encobrimento ou ofício da parte dessa classe de instrutores, e aqueles no plano da Terra que os recebem associam-se às mentes elevadas e iluminadas das eras passadas, que irão instruí-los livremente naqueles departamentos a que os seus talentos naturais melhor os adaptarem, que eles devem perseguir enquanto estiverem na vida terrena e assegurar-lhes a felicidade e o bem-estar na vida eterna.

CAPÍTULO VIII

## O RESULTADO DOS ESFORÇOS DE ESPÍRITOS AVANÇADOS PARA INSTRUIR AS PESSOAS DA TERRA NOS PRINCÍPIOS DA CIÊNCIA ESPIRITUAL

O leitor, a esta altura, pode ter discernido a existência de uma conexão directa entre o crescimento mental do homem na esfera da terra e as hostes espirituais que gradualmente foram transplantadas dessa condição para uma outra vida, se é que eu disse a verdade sobre a vida imortal.

Estou ciente da expressão imperfeita que os meus pensamentos assume através deste método, mas os princípios que eu absorvei sob a instrução de Maximus sempre foram um poder de orientação na minha existência espiritual; e, em obediência a essas instruções, sinto-me inclinado a redigir mais um capítulo sobre ele consequências que podem resultar de um conhecimento dos verdadeiros princípios da espiritualidade conforme devem ser entendidos sobre a terra.

Estou muito bem ciente da hostilidade determinada da força espiritual dominante que age em favor da religião no plano terreno, para impedir que um conhecimento da verdade espiritual na sua pureza chegue ao conhecimento dos mortais; mas, tal como as névoas da manhã são dissipadas pelo sol nascente na sua luminosidade esplendorosa, assim também as névoas do erro que agora pairam sobre as mentes dos homens, serão erguidas pelo surgimento da verdadeira luz do conhecimento espiritual.

Essa luz é o poder emancipador que age mais eficazmente quando compele os poderes mentais da raça a reconhecer a presença de uma força que actua sobre a natureza intelectual. O destinatário começa um questionamento incipiente das ideias que ele tem até agora obteve pela fé. Ele não pode evitar a dúvida que possa surgir, embora ele possa tentar sufocá-la como errada e perigosa.

O próprio facto de ele duvidar é a prova mais forte da actividade intelectual; pois a dúvida precede o pensamento tal como a crença impede o pensamento e produz credulidade. Nenhuma mente, sob a influência do pensamento activo, pode deixar de sentir o efeito, e esses indivíduos são sempre os mais progressistas que acolhem a expressão de todos os tipos de pensamento, a fim de que a verdade de cada tipo possa tornar-se a base de uma avaliação da verdade na formação de conclusões.

O maior obstáculo no plano terreno *é a indisposição de certas mentes para admitir a possibilidade de uma falsa base* sobre a qual deduziram as suas conclusões, e os consequentes erros que obscureceram o horizonte mental da raça.

Quando me volto para o conhecimento das eras passadas, conforme exibido pelos tipos de desenvolvimento humano na Grécia e no Egipto, fico espantado, ou deveria ficar, se não conhecesse as razões pelas quais as mentes inteligentes dessa era devam supor que a humanidade pudesse produzir tais espécimes de grandeza intelectual nas condições que agora são ensinadas aos modernos como as que então existiam. "Será possível colher uvas de espinhos e figos de cardos no reino mental e moral?" Seria alguma vez possível que o mundo antigo se tivesse alçado às alturas da civilização a que se alçou numa base diferente daquela que existe hoje? Não! Os princípios da natureza são eternos; os resultados são os mesmos em todas as eras onde o poder causal for o mesmo, e nos vossos mais elevados tipos de supremacia intelectual e moral vocês têm os mesmos exemplos que o mundo teve em todas as eras.

Quando o indivíduo absorvia os princípios do seu próprio carácter, ele irradiava-os para o mundo, sem defeito nem mácula. Quando ele não conseguia fazer isso, ele era apenas um porta-voz da inteligência invisível que procurava inculcar a ideia, mesmo que arriscando o equívoco e a má interpretação; e aquele que disseminava a ideia, no lado mortal, nunca era considerado no mundo dos espíritos mais do que um espelho para reflectir as conquistas mentais do outro.

Os métodos pelos quais as ideias são transmitidas à raça na Terra não é tão essencial que sejam entendidos pelos mortais a ponto de serem utilizados por eles; mas eles não são mistérios para aqueles de nós que detêm *o conhecimento das forças do reino espiritual.* Centramos as forças de toda linha especial de pensamento em algum cérebro sensível na vida terrena que reflita as ideias aos seus companheiros mortais na forma de linguagem escrita ou falada.

O receptor directo das forças pode não entender as verdadeiras fontes da sua inspiração, e se for dotado de um cérebro bem desenvolvido puder justificar supondo ser ele o autor das ideias. Ele pode nunca ter conhecimento de uma existência espiritual nas verdadeiras relações que tem com a vida terrena, e ainda assim reflectir as ideias de alguns dos seus habitantes num estado de grande perfeição. Em geral, essas ideias seriam melhor expressas na área particular de pensamento que o seu próprio

cérebro tenha desenvolvido para transmitir a partir da mente; ainda assim, ele estaria a refletir em grande medida o pensamento que lhe havia sido impresso pela acção directa da força externa, mas em harmonia com ela, e a ideia alcançaria a Terra como uma nova força impulsionadora em favor da verdade.

Este é o método geral usado pelos espíritos avançados para levar as suas ideias aos homens no plano da Terra. Eles não são ambiciosos para serem reconhecidos como avançados pelas mentes dos mortais, nem para estimular os traços de carácter defeituosos em muitos dos porta-vozes terrenos, dando-lhes qualquer conhecimento do seu verdadeiro carácter; daí que eles possam ser adequadamente denominados a força silenciosa que trabalha mais do que fala na história do mundo, e molda a corrente de eventos para que a raça progrida de geração em geração, apesar de toda a oposição míope daquela linha de pensamento expressa pelos menos esclarecidos.

O seu trabalho acha-se em conformidade com os *princípios da natureza expressos pela evolução*; e eles não desejam um crescimento forçado e antinatural do homem em qualquer campo de seu carácter. Mas uma coisa eles desejam, e farão ampla provisão para o efectuar, a saber, a maior liberdade do indivíduo para desenvolver a sua natureza espiritual sob o conhecimento da verdade na sua pureza; e é por isso que o mundo está continuamente a receber um influxo de ideias, que tendem todas a exaltar os direitos naturais do indivíduo, como de maior consequência que qualquer privilégio de classes especiais.

Assim, as revoltas sociais e políticas que marcaram o progresso da raça tenderam a tornar o indivíduo cada vez mais proeminente como o grande factor do problema; e, enquanto um sistema político após o outro é julgado e posto de lado, somente estão seguros aqueles que comandam a boa vontade e o apoio voluntário do indivíduo. Para o espírito avançado, na estimativa que faz do resultado da existência pessoal, todas as almas são de igual valor.

Não há ninguém tão pobre e obscuro que seja indigno de nota; e nenhum tão baixo e degradado que não mereça esperança de redenção. Não há lugar a separar o bem e o mal como individuais, mas uma determinação de que aqueles que, infelizmente, tenham sido privados da oportunidade de um bom desenvolvimento na vida terrena tenham a oportunidade de superar os maus resultados dessa desgraça. As suas ideias, quando expressas por canais terrenos, podem parecer visionárias e utópicas, mas eles sabem, como nenhum mortal pode saber, as causas

secretas dos resultados conhecidos na Terra como bons e maus. Eles podem dar aos mortais a verdadeira produzir as condições por que a raça possa instruir-se mais, em vez de depender das ideias dos outros.

O trabalho dessa classe de mentes é visto e sentido nos seus melhores resultados em todos os campos da ciência material que denotam uma civilização avançada. Quase não existe uma descoberta ou invenção que seja aperfeiçoada no plano terreno de grande importância que não tenha uma autoria real entre o corpo invisível, mas sempre poderoso e activo, dos trabalhadores silenciosos. Eles aperfeiçoam os seus poderes antes que um conhecimento dos seus detalhes seja impresso em algum cérebro sensível na Terra; mas com o tempo o mundo recebe-o, e colhe o benefício dele, mesmo que o seu verdadeiro autor nunca seja nele conhecido.

Não é essencial que o nome pessoal ou fama do verdadeiro inventor ou descobridor seja conhecido, mas que o poder da ideia deva ser incorporado na forma, de modo que a raça possa receber um impulso da sua parte para outras realizações.

O mundo é dessa maneira elevado, e a raça melhora sob o estímulo das ideias corporificadas; mas o fim buscado pelo mundo espiritual, representado por esse tipo, não é a aquisição de riqueza material para os poucos, mas o desenvolvimento pleno dos poderes intelectuais e morais de todos os que compartilham dos resultados benéficos dos seus trabalhos. O estímulo para se esforçar por tais canais é tão poderoso sobre o camponês quanto sobre o príncipe; e as grandes mudanças que hoje marcam as eras da história do mundo são produzidas com mais frequência pela prole do trabalho do que pela prole do luxo.

Constitui uma repreensão significativa para o mundo na avaliação que faz do valor de posto ou cargo que os actos da maior importância para o progresso do mundo sejam feitos pelas mãos e pelo cérebro dos aparentemente obscuros e insignificantes; e a velha ideia, de que sangue real e nobreza de posição sejam factores necessários para o sucesso, é inteiramente ignorada, senão mesmo positivamente condenada.

Não, o verdadeiro trabalho dos espíritos avançados é melhor realizado pelo emprego de instrumentos que brotem e sejam treinados nas escolas da experiência e da adversidade. Esses não tiveram tempo para promover o orgulho e a indolência na sua juventude; e, no momento em que a maturidade é alcançada, a disposição de entrar em tais formas de dissipação tal como essas condições fomentam é passado o perigo da indulgência.

Parece estranho ao mundo que assim seja, mas a verdade é que o poder dos espíritos inteligentes de produzir resultados através da manipulação do organismo cerebral lhes confere um controlo quase omnipotente sobre o reino mortal; e presentemente eles estão a exercitar esse conhecimento de uma maneira que está a levar o mundo adiante nas linhas do verdadeiro crescimento, de modo que uma geração agora alcance mais do que dez conseguiram cinco séculos atrás.

Este é o triunfo da ciência e dos métodos científicos na lida que fazem com os problemas da existência mortal e espiritual. O mundo pode escolher entre os modos de pensamento religioso e científico, mas se escolher o primeiro não deve queixar-se de que permanece um retardatário na corrida, que deverá existir enquanto a vida no planeta for gerada. Sob a influência religiosa, a mente tende à cristalização, ou às formas inorgânicas de expressão elementar de forças. Sob o domínio científico, ela cresce e expande os seus poderes até que, como um gigantesco organismo, abarque nos seus braços o universo da matéria e se torne quase, senão completamente, o que Platão quis dizer quando o imaginou como uma possibilidade de realização humana.

"Uma Inteligência perfeita digna de honras Divinas, se honras Divinas são dignas de ser legadas a qualquer Inteligência," que eu, por exemplo, devo questionar seriamente a partir do conhecimento que tenho da vida espiritual, e que ninguém que tenha avançado até o padrão da clara definição de Platão desejará.